UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

JAYME ALVES MOREIRA

“Como caíram os valentes”

Um estudo sobre a *qinah* em 2 Sm 1:17-27

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2015

JAYME ALVES MOREIRA

“Como caíram os valentes”

Um estudo sobre a *qinah* em 2 Sm 1:17-27

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Chwartz.

VERSÃO CORRIGIDA

De acordo:

Prof^a. Dr^a. Suzana Chwartz

SÃO PAULO

2015

Para minha mãe
Porque as primeiras histórias vieram disfarçadas na sua voz...

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque “dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes” (Dn 2:21).

Aos meus pais, porque a minha história está sendo escrita com as suas tintas.

Ao meu irmão e sua família, porque na sua companhia eu aprendo novas manhãs.

À Profa. Suzana Chwartz, porque guiou minha voz enquanto eu povoava as planícies destas páginas e forneceu abundantes provisões para a travessia do texto bíblico. *Todah*.

Aos Profs. Berta Waldman e Moacir Amâncio, porque ampliaram a destreza da minha leitura e, ainda na época da graduação, deram impulso à realização desta pesquisa.

Aos professores do Curso de Letras, porque aguçaram o meu olhar para o embate com o texto literário.

Ao Edson Nunes, porque ofereceu pistas importantes enquanto eu estreava meus pés nas trilhas da poesia bíblica e partilhou um pouco do seu valioso acervo comigo.

Aos colegas Carolina Fortes e André Ribeiro, porque me ajudaram na reelaboração do projeto de mestrado.

Ao Luis (secretaria do DLO), porque me permitiu escapar de várias armadilhas burocráticas durante a jornada.

Aos familiares e amigos, porque semeiam rios nos meus desertos.

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura da *qînāh* ("elegia") que Davi escreveu em homenagem a Saul e Jônatas (2 Sm 1:17-27). Parte da investigação desse gênero no interior da Bíblia Hebraica, identificando os principais traços dele e comparando-o a gêneros próximos numa tentativa de compreender a sua função social nos tempos bíblicos e descobrir possíveis razões para a sua reduzida presença na Bíblia Hebraica. Também constata de que modo esse lamento torna evidentes certos traços do personagem Davi, o que enriquece o entendimento dos relatos, contidos nos livros de Samuel, que narram a sua ascensão ao trono e o seu reinado. Finalmente, apresenta uma análise do poema eleito e do espaço narrativo em que ele emerge.

Palavras-chave: *qinah*, poesia bíblica, Davi, Saul, elegia, lamento, livro de Samuel.

ABSTRACT

This paper proposes a reading of the *qînāh* ("elegy") that David wrote in honor of Saul and Jonathan (2 Samuel 1: 17-27). Begins with research of this genre within the Hebrew Bible, identifying the main features of it and comparing it to related genres in an attempt to understand its social function in biblical times and find possible reasons for its reduced presence in the Hebrew Bible. Also notes how this lament becomes evident traits of the character David, which enhances understanding of the reports contained in the books of Samuel, which tell his ascension to the throne and his reign. Finally, it presents an analysis of the chosen poem and the narrative space in which it emerges.

Keywords: *qinah*, biblical poetry, Davi, Saul, elegy, lament, book of Samuel.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1: Vozes Anoitecidas	11
Capítulo 2: Entre o Conto e o Canto	25
Capítulo 3: Como Caíram os Valentes	50
Considerações Finais	77
Referências Bibliográficas	81
Anexo 1: O Texto em Hebraico	87

“Prouvera a Deus a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, em fonte de lágrimas! Então, choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo.” Jr 9:1

“Lembra-te: o herói permanece, sua queda mesma foi um pretexto para ser – nascimento supremo.” Rilke

Introdução

“...porque tu és pó e ao pó tornarás.”

Gn 3:19¹

No relato inaugural do Gênesis, o homem (*'āḏām*)² é feito a partir da terra (*'āḏāmāh*) e está destinado a voltar para ela um dia. Esse regresso à terra ocorre na morte e dele nasce uma sombra que invade a comunidade dos vivos. Para enfrentá-la, são cultivados rituais de luto – a morte exige uma resposta. Ela é desaparecimento e por isso demanda presença. Ela é imobilidade e por isso demanda gestos. Ela é silêncio e por isso demanda palavras. Quando alguém retorna ao pó, aqueles que eram próximos dele precisam reencontrar um fôlego de vida. Nesse sentido, existe um considerável repertório de ações ltuosas registradas na Bíblia Hebraica:

In ancient Israel as elsewhere in the ancient world, mourners would: weep (the most noted custom), tear their clothes, wear sackcloth, uncover and/or dishevel their hair, cover themselves with dust, sit and sleep on the ground, walk barefoot and fast.³

No entanto, como observa Jonhston, embora tais costumes sejam citados, eles não ocupam um espaço privilegiado no texto e não são objeto de elaboração detalhada. A raiz da palavra “morte” aparece exatamente mil vezes nos livros bíblicos, mas não há descrições de ritos funerários ou de cerimônias religiosas ligadas a sepultamentos. Uma explicação para esse fato reside na compreensão

¹ Todos os textos bíblicos são extraídos da *Bíblia Sagrada*. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

² Todas as transliterações foram colhidas no site <www.biblos.com>. Os esclarecimentos sobre vocabulário do hebraico bíblico, exceto quando indicado, são provenientes da mesma fonte.

³ JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 48. As referências textuais são Gn 37:47; 2 Sm 1:11; 13:31.

de que a fé israelita estava centrada na vida e a questão da morte era relegada a uma posição secundária⁴.

Ao se constatar que as práticas relacionados ao luto são mencionadas pelos escritores bíblicos, contudo raramente são tratadas como um tema importante para a audiência, é possível apreciar com mais perspicácia os momentos em que essa constante é perturbada, seja pela falta ou pelo excesso nas referências a reações diante da morte. Um exemplo do primeiro caso ocorre quando, no episódio da morte de Nadabe e Abiú, o narrador afirma que Arão, pai deles, “se calou” e depois acrescenta que o sacerdote e seus familiares foram instruídos por Moisés a não realizar qualquer gesto de luto⁵. Também poderia ser lembrada a ocasião em que Deus, no intuito de transmitir uma lição para o povo, ordena ao profeta Ezequiel que não lamente a morte de sua esposa⁶. O segundo caso pode ser ilustrado pela desmedida agonia de Jacó ao concluir que seu filho José estava morto⁷.

Nas cenas que tecem a história de Davi, aparecem esses dois tipos de representação de atitudes para com a morte: ele surpreende a corte ao se animar depois de saber que o primeiro filho com Bate-Seba tinha morrido, porém, mais tarde, desfere um grito lancinante ao descobrir que outro filho, Absalão, tombara numa batalha; reage com indiferença ao escutar o relatório de que vários membros do seu exército foram alvejados pelo inimigo, todavia, ergue a voz e chora perante o povo junto à sepultura de Abner⁸. A sucessão de encontros do rei de Israel com a morte dos que estão ao seu redor desenha um rico painel de reações a ela⁹. E, nesse painel, se destaca aquela que é provavelmente a mais singular das respostas à morte preservadas na Bíblia Hebraica: o lamento que

⁴ JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 50, 64, 70-72.

⁵ Cf. Lv 10:1-7.

⁶ Cf. Ez 24:15-27.

⁷ Cf. Gn 37:31-35.

⁸ Cf. 2 Sm 12:15-23; 18:32-33; 11:14-25; 3:31-35.

⁹ Tanto que Josipovici afirma sobre Davi: “he is *the* great mourner of the Bible, just as tradition makes him *the* great praiser of the Lord”. Cf. GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 61.

Davi canta em homenagem a Saul e Jônatas¹⁰. Quando a notícia do trágico combate que usurpou a vida desses valentes pousa em seus ouvidos, ele condensa a dor em versos, transfigura pesar em poesia.

Essa composição é o objeto de estudo neste trabalho. No primeiro capítulo, é investigado o gênero em que ela está inserida, as suas características e a sua presença no conjunto de textos bíblicos. Também são discutidas as relações entre a elegia e a história da ascensão de Davi ao trono de Israel. No capítulo seguinte, o foco é a narrativa de 2 Sm 1, da qual emerge o poema, mostrando como ela abriga uma série de elementos que assinalam tanto o contraste entre Davi e Saul quanto o tamanho da calamidade que atingiu o povo israelita, o que solicita a elaboração do lamento e cria uma moldura adequada para ele. O último capítulo é dedicado à análise do texto poético, com particular atenção às correspondências entre os recursos expressivos adotados e a mensagem inscrita nos versos.

O *qōheleṭ* diz que é mais proveitoso “ir à cada onde há luto do que ir à casa onde há banquete”, pois existe sabedoria na visão da finitude¹¹. Portanto, adentrar o lamento de Davi ao invés de percorrer seus cânticos de louvor já promete um aprendizado. Os mortos são devolvidos à terra e, ocasionalmente, brotam versos naquele chão – importa colhê-los agora.

¹⁰ Cf. 2 Sm 1:17-27.

¹¹ Cf. Ec 7:2

Capítulo 1

Vozes Anoitecidas¹²

“Minha voz secou, anoiteceu”

Na paisagem poética da Bíblia Hebraica, o lamento de Davi em 2 Sm 1:17-27 abriga um tema peculiar: o lamento pelos mortos. Quando o luto apaga a voz, a poesia a reacende. Eis a passagem:

Pranteou Davi a Saul e a Jônatas, seu filho, com esta lamentação,

determinando que fosse ensinado aos filhos de Judá o Hino ao Arco, o qual está escrito no Livro dos Justos.

A tua glória, ó Israel, foi morta sobre os teus altos! Como caíram os valentes!

Não o noticieis em Gate, nem o publiqueis nas ruas de Asquelom, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, nem saltem de contentamento as filhas dos incircuncisos.

Montes de Gilboa, não caia sobre vós nem orvalho, nem chuva, nem haja aí campos que produzam ofertas, pois neles foi profanado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, que jamais será ungido com óleo.

Sem sangue dos feridos, sem gordura dos valentes, nunca se recolheu o arco de Jônatas, nem voltou vazia a espada de Saul.

Saul e Jônatas, queridos e amáveis, tanto na vida como na morte não se separaram! Eram mais ligeiros do que as águias, mais fortes do que os leões.

Vós, filhas de Israel, chorai por Saul, que vos vestia de rica escarlata, que vos punha sobre os vestidos adornos de ouro.

Como caíram os valentes no meio da peleja! Jônatas sobre os montes foi morto!

¹² Título emprestado da obra de estreia do autor moçambicano Mia Couto.

Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo para comigo! Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres.

Como caíram os valentes, e pereceram as armas de guerra!

A singularidade do poema, já sugerida pela escassa presença de sua temática na Bíblia Hebraica¹³, é mais evidente para quem lê o texto em hebraico, pois a palavra traduzida como “lamentação” é *qînāh*¹⁴, depositando-o, portanto, num gênero específico.

Sobre a classificação dos gêneros literários na Bíblia Hebraica, é preciso recordar o trabalho de Herman Gunkel, estudioso que, ao se debruçar sobre os salmos e propor uma tipologia para eles, lançou os alicerces da Crítica da Forma¹⁵. Para incluir salmos num gênero particular, ele buscava identificar neles: “um contexto vital semelhante, um mesmo modelo de estrutura composicional, além de expressarem através do herói, sentimentos em comum”¹⁶. O erudito alemão entendia que os gêneros da literatura bíblica germinavam no solo de eventos cíclicos na vida comunitária (aos quais denominou *Sitz-im-Leben*, isto é, o contexto vital que gerou determinada forma literária), seu berço era a oralidade e sua paternidade pertencia a membros anônimos do povo. Baseado na passagem de Jeremias 9:16-20, ele propôs que a *qînāh* teria florescido entre as carpideiras (*mqōwnnōwṭ*, palavra que compartilha a raiz de *qînāh*), as quais, em momentos de luto familiar ou desastre coletivo, entregavam sua voz ao lamento. Ademais, na frequente presença da exclamação “como” (*’ēk* e *’ēkāh*) em versos

¹³ Para o leitor familiarizado com a tradição literária ocidental, é fácil associá-lo à elegia, de modo que, em seus comentários, vários acadêmicos (Anderson, Fleischer, Kyle McCarter) referem-se ao poema e ao gênero usando termos como “elegia” e “elegíaco”.

¹⁴ Com relação à etimologia, não foi descoberto um parentesco entre essa raiz e qualquer outra presente nas línguas semíticas que antecedem o hebraico. FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 18.

¹⁵ RACHMANN, Miriam Kleigesinds. A Multiplicidade de Vozes no Salmo 137. 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 13.

¹⁶ Idem, p. 15.

iniciais de lamentos, Gunkel detectou uma fórmula introdutória característica das *qînōt*¹⁷:

He [Gunkel] understands biblical literature as arising from recurring occasions in communal life, to which it reacts first with short formulae; these are the basic units of lyric expression. On recurring occasions of bereavement, plague or other disasters, dirge-singers perform wailing songs, the basic formula of which is 'How' [...].¹⁸

No caso do poema eleito, não é preciso mapear o texto em busca do gênero, já que a sua classificação aparece estampada no verso inicial. Além disso, acolhendo as considerações de Gunkel, não é difícil perceber o quanto esse exemplar ilustra o contexto vital, o modelo de composição e o teor sentimental que caracterizariam o gênero *qînāh*. No entanto, como apontaram vários estudiosos, a categorização, ao invés de concluir o trabalho analítico, é somente o seu princípio. À determinação do que é geral, segue-se a procura do que é particular. Assim como se vai do poema ao gênero, é necessário trilhar o caminho inverso e ir do gênero ao poema: “Estabelecido o gênero de um salmo começa a análise do individual: o gênero é terreno comum que permite, comparar e diferenciar”¹⁹. As margens do gênero podem desenhar o curso da análise, mas não devem represá-lo. Weiss também alerta sobre a importância de atentar para o caráter singular de cada obra independentemente do gênero ao qual ela pertença:

The scholar who wishes to interpret a work must see it not as an impersonal representative of literary genre to which he assigns it, but rather as unique; and he will apprehend this uniqueness through the structure, the inner essence realized in – and despite

¹⁷ ROFÉ, Alexander. *Introduction to the Literature of the Hebrew Bible*. Jerusalem: Simor Ltd., 2009, p. 454-457.

¹⁸ Ibidem, p. 457.

¹⁹ SCHÖKEL, Alonso e CARNITI, Cecília. *Salmos II*. São Paulo: Paulos, 1996, p. 95. In: RACHMANN, Miriam Kleigesinds. *A Multiplicidade de Vozes no Salmo 137*. 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 20.

– the traditional outer garment which the work shares with other similar works.²⁰

Apesar de o narrador ter destacado o gênero do lamento de Davi em 2 Sm 1:17-27, muitos comentaristas da passagem não consideram essa informação digna de exame. McCarter, por exemplo, ao analisar o poema, investiga profundamente uma série de questões linguísticas, contudo sequer menciona o gênero²¹. Aliás, o termo *qînāh* também não aparece como verbete no *Anchor Bible Dictionary*²², uma importante obra de referência nos estudos bíblicos, o que sugere a reduzida atenção concedida a esse gênero pelos acadêmicos dedicados à Bíblia Hebraica. Até mesmo em ensaios consagrados exclusivamente ao lamento de Davi é possível diagnosticar essa insensibilidade à questão do gênero²³.

A discreta presença da *qînāh* nos estudos bíblicos provavelmente corresponde à sua discreta presença na própria Bíblia. De acordo com Fleischer, o substantivo ocorre dezessete vezes e a forma verbal, oito, no texto da Bíblia Hebraica. A distribuição do termo é desigual, pois se concentra nos livros proféticos (Amós, Jeremias, Ezequiel), tanto que ele surge em apenas três passagens dos livros históricos: 2 Sm 1:17, 3:33 e 2 Cr 35:25²⁴.

²⁰ WEISS, Meir. *The Bible from Within: the method of total interpretation*. Jerusalem: The Magnes Press, 1984, p. 273

²¹ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984.

²² FREEDMAN, David N. (org.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.

²³ Para citar três exemplos: KENNEDY, James. David's Lament over Saul and Jonathan: II Sam. 1: 19-27. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. 32, No. 2 (Jan., 1916), p. 118-125. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/528342>>. Acesso em: 12/03/2013; HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013; SHEA, William H. David's Lament. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, No. 221, Memorial Issue: Essays in Honor of George Ernest Wright (Feb., 1976), p. 141-144. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356096>>. Acesso em: 22/01/2013.

²⁴ FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 19.

Na *Jewish Encyclopedia*, o verbete “*qînāh*” traz esta definição: “lamentation chanted in honor of the dead”²⁵. Consultando outras obras de referência, é possível colher os seguintes significados: “*elegy*”, “*dirge*”²⁶, “canto fúnebre”²⁷ e “poem expressing mourning, pain and sorrow”²⁸. Sendo uma expressão formal de luto²⁹, ela possuía um status específico que a separava das manifestações verbais espontâneas, conectadas à raiz *spā*³⁰. Anderson, ao comentar a passagem de 2 Sm 1, declara: “the hebrew קנהי is a funerary lament or dirge, and as such it is different from the numerous laments found in the Psalter”³¹. Cabem aqui duas distinções importantes. A primeira, como aponta Anderson, deve ser feita entre a *qînāh* e os lamentos presentes no livro de Salmos, no qual não aparece qualquer referência à *qînāh*:

Claus Westermann (...) has well outlined the main differences between the two literary types. The dirge or funerary lament (Totenklage) deals with the actual event of death and the dead, and essentially it is backward looking. It often addresses the dead in the second person, and there is no mention of God (...). It depicts the mournful situation and calls the hearers to lamentation. The general or distress lament (Notklage) is, on other hand, forward looking and, basically, a supplication to God (...).³²

Portanto, a *qînāh* é um lamento sem súplica, sem apelo a Deus. É o que resta nos lábios tocados pela sombra da morte. Nenhuma nota de esperança mora na voz em que ela soa, pois não mais existe a luta pela mudança, só o luto

²⁵ GOTHEIL, R. e SCHLOESSINGER, M. Kinah. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em < <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah> >. Acesso em: 28/11/2011.

²⁶ BROWN, Francis, DRIVER, Samuel R. e BRIGGS, Charles A. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996.

²⁷ HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

²⁸ HABERMANN, Abraham M. Kinah. In: SKOLNIK, Fred (ed.). *Encyclopaedia Judaica*. Farmington Hills (MI): Thomson Gale, 2007, v. XII, p.160.

²⁹ ACKROYD, Peter R. *The second book of Samuel*. The Cambridge Bible Commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 24-25.

³⁰ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 116.

³¹ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 13.

³² Ibidem, p. 13.

pelo imutável. Em terra onde os mortos são semeados, toda súplica murcha e só o lamento brota. Na *qînāh*, as palavras seguem as lágrimas e correm para o chão em vez de subir para o céu.

Segundo Anderson, o *Sitz-im-Leben* da *qînāh* era o lugar do velório ou a procissão fúnebre³³. Há indicações, em Jr 9:17-20, de que elas eram interpretadas por mulheres³⁴: “Among the Hebrews, as in many Semitic lands at the present day, the *kinah* was sung by professional mourning-women (...)”³⁵. Textos como Am 8:10 e 2 Cr 35:25 fortalecem a hipótese de que a *qînāh* seria cantada, embora pouco se saiba sobre a música que a emoldurava³⁶. Outras características importantes do gênero são a presença de *’ēk* e *’ēkāh* (“como”) na introdução, marcando o espanto diante de tamanha desgraça, o uso da apóstrofe, através da qual os ausentes são convocados para o poema, e o aproveitamento do contraste entre a condição passada e a presente³⁷, o que dá contornos mais nítidos à desolação atual³⁸.

A segunda distinção deve ser feita entre a *qînāh* pessoal e a *qînāh* profética: “From the individual, or personal, *kinah* must be distinguished the national, or general, *kinah*, the subject of which is the misfortune of the whole nation or of a single community”³⁹. A *qînāh* pessoal, cujo exemplo é o lamento

³³ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 13.

³⁴ Passagens como Am 5:16, 2 Cr 35:25 e Ec 12:5 mostram que versos de lamentação não estavam limitados às vozes femininas e também podiam frequentar as vozes de homens. Cf. JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 50.

³⁵ GOTHEIL, R. e SCHLOESSINGER, M. *Kinah*. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em < <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah> >. Acesso em: 28/11/2011

³⁶ FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 18.

³⁷ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14-15.

³⁸ Um traço adicional do gênero é a sua métrica particular, cujo padrão 3:2 (três acentos na primeira linha do verso e dois na segunda) foi descoberto por Budde ao analisar os versos de Lamentações e de alguns lamentos proféticos, e ficou conhecido como *qinah meter*. Estudos posteriores mostraram, entretanto, que essa métrica também aparece em composições exiladas do território do lamento. Cf. KUGEL, James L. *The idea of biblical poetry: parallelism and its story*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981, p. 293. Ademais, o jorro poético da *qînāh* de Davi não flui nessa cadência. Cf. HERTZBERG, Hans W. *I & II Samuel: a commentary*. Trad. J. S. Bowden. The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1964, p. 239.

³⁹ GOTHEIL, R. e SCHLOESSINGER, M. *Kinah*. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em < <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah> >. Acesso em: 28/11/2011.

de Davi por Saul e Jônatas, é uma expressão do pesar do indivíduo pela morte de alguém querido. A *qînāh* profética, também chamada de coletiva ou política, é o lamento pelo destino trágico de povos e cidades (às vezes cristalizados na figura dos seus líderes), o qual, embora ainda fosse ocorrer, era descrito e lastimado pelo profeta como se já tivesse ocorrido⁴⁰. Esse uso figurativo da *qînāh* só aparece nos livros proféticos, seja como anúncios de futuros desastres, como chamados à lamentação por causa deles ou como vaticínios de que os lamentos se tornariam abundantes⁴¹. Os profetas teriam se apropriado de um gênero popular, retirando-o da esfera secular e o trazendo para a teológica, possivelmente com o intuito de ampliar o impacto da sua mensagem⁴². Eles promovem uma passagem da tragédia pessoal para a coletiva, do lamento pela morte localizada para o lamento pela morte generalizada, o que dá ao luto, antes particular, uma dimensão universal. Embora mereça um exame profundo, essa mutação da *qînāh* nos escritos proféticos não será objeto de investigação neste trabalho, que ficará limitado ao estudo da *qînāh* pessoal.

Somente dois exemplares de *qînāh* pessoal foram preservados no texto bíblico, ambos registrados no mesmo livro: 2 Sm 1:17-27 e 3:32 -34. Eis o texto da segunda passagem:

Sepultaram Abner em Hebrom; o rei levantou a voz e chorou
junto da sepultura de Abner; chorou também todo o povo.

⁴⁰ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14.

⁴¹ Cf. Am 5, Ez 19:1-14, 27:1-36, 28:11-19 e 32:1-16; Jr 7:29, 9:10 e 16-21; Am 8:10 e Ez 26:15-18. FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 21-22.

⁴² Barton aponta a paródia como um mecanismo atuante na produção de boa parte da literatura dos profetas, pois estes incorporam certos gêneros do discurso secular ou religioso e injetam neles um novo sentido. Cf. BARTON, John. *Reading the Old Testament: method in biblical study*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996, p. 119. Alter menciona que os profetas “occasionally adapt to their purposes a nonprophetic poetic genre, such as elegy, parable, supplication, thanksgiving psalm”. Cf. ALTER, Robert. *The Art of Biblical Poetry*. New York: Basic Books Publishers, 1985, p. 142. Sobre Amós, que apresenta o primeiro exemplo dessa metamorfose do gênero *qînāh* (Am 5:1-2), Mays afirma: “Amos knew the art of appropriating a variety of other speech-forms as the vehicle of what he had to say. His speeches display a remarkable skill at using all the devices of oral literature available in Israel’s culture”. Cf. MAYS, James L. *Amos: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1969, p. 5-6.

E o rei, prateando a Abner, disse: Teria de morrer Abner como se fora um perverso?

As tuas mãos não estavam atadas, nem os teus pés, carregados de grilhões; caíste como os que caem diante dos filhos da maldade! E todo o povo chorou muito mais por ele.⁴³

Se a recitação das *qînōt* era uma prática comum nas cerimônias fúnebres, surgem duas questões relevantes para a pesquisa: por que nenhuma outra *qînāh* foi transcrita na Bíblia Hebraica e por que essas duas tiveram tal privilégio? A resposta à primeira pode residir no caráter eminentemente secular do gênero, no qual não aparecem referências a Deus ou à religião. Também existe a chance de que a restrição esteja ligada à possibilidade de que a *qînāh*, tendo sido inspirada em gêneros similares na cultura do Antigo Oriente Médio, guardasse alguma ligação com o culto aos mortos, cuja prática não era permitida em Israel já que o povo adorava ao Deus da vida, apartado da esfera da morte⁴⁴. Aliás, uma das características mais marcantes que a Bíblia Hebraica associa à morte é o fato de que ela causa a separação entre Deus e o ser humano e, conseqüentemente, o traço mais proeminente na descrição do *Sheol*, o lugar dos mortos, sublinha que aquele é um espaço no qual se está exilado da presença divina⁴⁵. Outra evidência disso aparece na constatação de que não há passagens bíblicas que apresentem rituais religiosos ligados a cerimônias fúnebres, sugerindo que essa conexão não existia ou não possuía relevância⁴⁶. Anderson, portanto, assinala o divórcio entre o lamento funerário praticado em Israel e o culto aos mortos:

The funerary dirge may have originally been part of the cult of the dead (...) but in the Israelite setting there was not, apparently,

⁴³ Este o único trecho bíblico em que se contempla uma *qînāh* emergindo no seu *Sitz-im-Leben*.

⁴⁴ FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 19.

⁴⁵ "Pois, na morte, não há recordação de ti; no sepulcro, quem te dará louvor? (Sl 6:5). JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 24, 25, 32, 45, 75 e 76.

⁴⁶ Ibidem, p. 51.

such a cult, and therefore the dirge may have been a modified relic of ancient mourning customs and may have served, among other things, as a eulogy for the dead and as an expression of grief.⁴⁷

Com relação aos motivos que levaram à transcrição das duas *qînōt* presentes no início de 2 Samuel, pode-se lembrar que ambas são atribuídas a uma figura notável: Davi⁴⁸. Logo, a autoria davídica seria uma espécie de selo que eliminaria qualquer tipo de desconfiança suscitada pelo gênero. Além de ser obra de um autor ilustre, outra característica que elas compartilham é o fato de ser dedicadas a lamentar a falta e celebrar os feitos de personagens ilustres – Saul, Jônatas e Abner⁴⁹ – que morreram de forma trágica em meio a conflitos militares⁵⁰. São *qînōt* inspiradas pela queda dos *gibbōrîm* (“valentes”). Aliás, o verbo de radical *npl* (“cair”) é fundamental nos dois poemas. Esses homens extraordinários⁵¹ tiveram uma morte inglória e a *qînāh*, ao mesmo tempo em que manifesta o pesar gerado por isso, resgata a grandeza que a morte sequestrou deles⁵², oferecendo-lhes um generoso tributo poético no qual seus esplendores são cantados e suas sombras são caladas⁵³. É interessante observar que a terceira e última referência a *qînōt* nos livros históricos, localizada em 2 Cr 35:25,

⁴⁷ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14. A questão do culto aos mortos entre os israelitas é controversa, mas, após uma análise atenta de várias passagens que carregariam vestígios dessa veneração aos antepassados, Johnston conclui que, se ela ocorreu, a sua importância foi pequena. Cf. JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 167-195.

⁴⁸ Não deixa de ser admirável ler duas composições de Davi, a quem são atribuídos inúmeros textos religiosos, nas quais não aparece qualquer menção a Deus.

⁴⁹ O comandante das forças leais a Isbosete, o filho sobrevivente de Saul e rival de Davi na disputa pelo trono.

⁵⁰ Cf. 1 Sm 31; 2 Sm 1; 2 Sm 3.

⁵¹ Em 2 Sm 3:38, Davi, referindo-se ao assassinato de Abner, indaga se os seus servos não sabem que naquele dia um príncipe e um grande homem (*šar wəgāḏōwl*) havia caído em Israel.

⁵² Essa morte violenta, prematura e desonrosa contrasta, na Bíblia Hebraica, com o modelo da morte que ocorre “em boa velhice” (*bešēbāh tōwbāh*), da qual desfrutaram personagens como Abraão, Gideão e o próprio Davi (Gn 15:15, 25:8; Jz 8:32 e 1 Cr 29:28). Cf. JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 26 e 41.

⁵³ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 20.

também as relaciona ao lamento por um personagem ilustre que foi morto em batalha, o rei Josias:

Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras, nas suas lamentações, se têm referido a Josias, até ao dia de hoje; porque as deram por prática em Israel, e estão escritas no Livro de Lamentações.

Essa similaridade no contexto em que surgem as *qînōt* registradas nos livros históricos não passou despercebida por Fleischer:

We also hear of laments for a king fallen in battle in 2 Ch. 35:25. This verse confirms the tendency (already noted in 2 S. 1:19) of *qînōt* to focus on outstanding personalities when they take on written form.⁵⁴

Considerando tudo o que foi exposto, mais do que visar ao estudo do gênero *qînāh* (o qual, obviamente, será abordado), pretende-se investigar, nesta pesquisa, a primeira *qînāh* de Davi registrada na Bíblia Hebraica. Esse objetivo demanda, por um lado, a análise minuciosa do processo de composição desse poema e, por outro, um entendimento do espaço narrativo em que ele aparece. Tão importante quanto desvendar o modo como Davi compõe as *qînāh* é desvendar o modo como a *qînāh* compõe Davi, seu personagem e sua história.

Os comentaristas dos livros de Samuel destacam o teor político da narrativa contida entre 1 Sm 16 e 2 Sm 5⁵⁵, cujo principal propósito seria legitimar

⁵⁴ FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 21. Johnston faz uma observação semelhante e aponta para a passagem de Jr 22:18-19, na qual o profeta anuncia ao rei Jeoaquim que a morte dele não despertaria lamentos (a raiz é *spd* e o elemento introdutório é a interjeição onomatopaica *hōy*, traduzida por “ai”) e nenhuma honra lhe seria concedida no sepultamento, ou seja, ele não seria digno de qualquer reparação poética póstuma. Cf. JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 50.

⁵⁵ Ela se tornou conhecida como a “História da Ascensão de Davi”. Para um tratamento detalhado da evolução da hipótese e dos modos e metas da narrativa, ver McCARTER, Peter K.

a jornada de Davi até o trono, inocentando-o de qualquer suspeita oriunda dos eventos que levaram à sua coroação:

The story of David's rise then is a narrative that promulgates a political point of view supported by theological interpretation of the events it recounts. Its purpose is to show that David's ascension to the throne was lawful and that the events leading up to his proclamation as king over all Israel were guided by the will of the God of Israel.⁵⁶

O primeiro e o terceiro capítulos de 2 Samuel cumpririam uma função decisiva nesse processo, isentando o futuro rei de participação ou interesse na morte de Saul e Jônatas e no assassinato de Abner, que foi cometido por Joabe, o comandante das forças leais a Davi⁵⁷. 2 Sm 1 explica como as insígnias reais chegaram às mãos de Davi, sublinha o seu sofrimento com a notícia da morte do rei e do filho dele e expõe a sua indignação com o pretense assassino de Saul, a qual o leva a condená-lo à morte⁵⁸. O trabalho de absolvição de Davi é mais explícito em 2 Sm 3, de tal forma que a narrativa é cuidadosamente tecida para dissolver toda desconfiança sobre o envolvimento do rei no homicídio⁵⁹.

A partir dessa visão, não seria difícil compreender as *qînōt* de Davi como peças importantes no cumprimento de uma agenda política. A primeira reafirmaria a sua inabalável lealdade ao rei de Israel, reconciliando-o com a casa de Saul, e a segunda acentuaria a sua inocência na morte de Abner, tão pérfida que arranca o choro dos seus olhos e o lamento da sua garganta. Tal entendimento também ajuda a decifrar a tensão que percorre os lamentos de Davi, os quais, apesar de expressar uma dor privada, ganham uma expressão pública, afinal ele diz que a *qînāh* dedicada a Saul e Jônatas deve ser ensinada

The Apology of David. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 99, No. 4 (Dec., 1980), p. 489-504. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3265189>>. Acesso em: 06/05/2013.

⁵⁶ Ibidem, p. 494 e 495.

⁵⁷ Vale notar que esses episódios não são reproduzidos no relato de Crônicas.

⁵⁸ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 64-65.

⁵⁹ Ibidem, p. 120-122.

aos filhos de Judá⁶⁰ e declama a *qînāh* dedicada a Abner perante todo o povo durante o cortejo fúnebre. É como se o pranto de Davi precisasse fluir até o povo. Alter, numa avaliação das estratégias narrativas acionadas na caracterização de Davi, pondera:

Na verdade, um dos aspectos mais fascinantes de toda a história de Davi é que, até o momento crucial de sua vida, quando ele encomenda a morte de Urias depois de cometer adultério com Betsabá, quase todas as suas falas são discursos públicos e podem ser lidas como motivadas por razões políticas.⁶¹

Ao considerar os movimentos de Davi após a morte de Saul, vale medir quanta ambiguidade pulsa em vários dos seus atos. Miscall e Sternberg ressaltam isso ao comentar o acolhimento de Mefibosete no palácio⁶², pois esse gesto combinaria matizes afetivos e políticos⁶³. É possível respirar essa atmosfera dúbia em várias outras ações de Davi relacionadas à casa de Saul, tais como a *qînāh*, a retomada do casamento com Mical, o lamento por Abner e a fúria despertada pelo assassinato de Isbosete⁶⁴.

Embora esse componente político não possa ser desprezado, não seria válido reduzir as *qînōt* e todos os eventos costurados na trama da ascensão a meros artifícios no processo de legitimação do rei. É evidente, por exemplo, o tom passional de Davi ao se dirigir a Jônatas na conclusão do poema⁶⁵ e, se a intenção fosse unicamente política, tamanho *pathos* seria dispensável. De fato, as *qînōt* oferecem um ângulo privilegiado para examinar um traço marcante na

⁶⁰ Cf. 2 Sm 1:18

⁶¹ ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 181. Miscall enuncia um juízo semelhante quando discute o caráter dúplice da apresentação de Davi como alguém “sagaz em palavras” (*ūnəḥōwn dāḇār*, 1 Sm 16:18) porque isso pode acentuar tanto a sensatez quanto a astúcia discursiva e, em várias declarações do personagem, não é fácil discernir as intenções que alimentam as suas palavras. Cf. MISCALL, Peter D. *The workings of Old Testament narrative*. Philadelphia: Fortress Press, 1983, p. 68.

⁶² Cf. 2 Sm 9.

⁶³ MISCALL, Peter D. *The workings of Old Testament narrative*. Philadelphia: Fortress Press, 1983, p. 126; STERNBERG, Meir. *The poetics of biblical narrative: ideological literature and the drama of reading*. Bloomington: Indiana University Press, 1987, p. 255 e 343.

⁶⁴ Cf. 2 Sm 1:17-27; 2 Sm 3:3-13; 2 Sm 3:32-34; 2 Sm 4:8-12.

⁶⁵ Cf. 2 Sm 1:26, o único trecho composto em primeira pessoa.

trajetória de Davi: o seu constante desnudamento⁶⁶. Ao contrário de tantos personagens bíblicos envoltos numa discrição inabalável⁶⁷, há diversos episódios na vida de Davi em que ele expõe a sua intimidade. Qual o sentido dessa atitude? De que forma ela molda a persona de Davi?

Em seu ensaio sobre os livros de Samuel, Rosenberg sublinha o entrelaçamento dos fios pessoal e histórico na costura da narrativa:

A história da ascensão e reinado de Davi é política e histórica, bem como pessoal ou doméstica. O que é interessante é o modo pelo qual a vida pessoal de Davi é trazida ao contexto maior, além de mudanças na proporção entre história pessoal e história política. (...) Esse desenvolvimento [de Davi] (...) deve ser entendido nos planos pessoal e político; considerar um à custa do outro é compreender erroneamente a perspectiva única do trabalho.⁶⁸

Estudar a *qînāh* de Davi implica reconhecer essa complexa trama de histórias particulares e história geral e, ao mesmo tempo, descortina a possibilidade de conhecê-la melhor, pois o poema coroa um momento em que os dois fios parecem especialmente enredados, afinal, “the words of the poem are simultaneously intimate and public”⁶⁹.

⁶⁶ Uma referência à passagem de 2 Sm 6:20-22, na qual Mical, filha de Saul e esposa de Davi, repreende o rei pelo modo indecoroso como havia se exibido ao dançar durante o cortejo que trouxe a arca para Jerusalém. Ao avaliar o lamento de 2 Sm 1, García-Treto afirma “this particular song has troubled interpreters because here David dares to stand before the reader at once more naked and more human than ever”. Cf. GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 63. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013.

⁶⁷ Um exemplo é o relato de Gn 22, quando Deus ordena a Abraão que sacrifique o seu filho Isaque. Em momento algum da narrativa, é oferecido um vislumbre dos sentimentos ou pensamentos do patriarca. A sua paisagem interior permanece oculta para a audiência.

⁶⁸ ROSENBERG, Joel. I e II Samuel. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank (org.). *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997, p. 146.

⁶⁹ BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel*. Louisville: John Knox Press, 1990, p. 217. Vislumbrando, na *qînāh* dedicada a Saul e Jônatas, uma transição de um longo trecho público (v. 19-25) para um curto trecho privado (v. 26, o único modulado em 1ª pessoa), é possível captar uma faceta dessa tensão, que atravessa tantas palavras e gestos de Davi, entre a esfera política e a pessoal. Cf. EISENHOLTZ, Eve. The Nature of Kinat David: Public or Private?. *Jewish Biblical Quarterly*, Vol. 31, No. 2, (Abril-Junho, 2003), p. 1-5; GARCÍA-TRETO,

Finalmente, além de suscitar questões literárias, psicológicas e políticas, a *qînāh* é uma admirável plataforma para contemplar o imemorial duelo entre o homem e a morte, quando a poesia se torna a possibilidade de não calar perante o fim - a palavra que sobrevive à morte. Se a morte anoitecia a voz, a *qînāh* era o amanhecer que lhe restava. Os valentes caíram, mas a voz se levantou.

Francisco O. A Mother's Paeon, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 62-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013.

Capítulo 2

Entre o Conto e o Canto

“Quando tudo o que é prosa se desmancha em poesia”

Para o leitor que percorre atentamente a trilha narrativa desenhada nos livros de Samuel, a passagem de 2 Sm 1:1-16 oferece um obstáculo, pois apresenta uma versão da morte de Saul que é distinta do relato exposto no capítulo anterior⁷⁰. Em 1 Sm 31:3-5, o narrador afirma que, após a derrota e a fuga dos homens de Israel, os filisteus atacaram a família real e mataram os três filhos de Saul. O rei então, acossado por inimigos e pressionado pelos arqueiros, os quais inflamam o seu temor (ou, segundo outra interpretação do versículo 3 da passagem, o ferem gravemente⁷¹), pede ao seu escudeiro que o atravessasse com a espada dele “para que, porventura, não venham estes incircuncisos, e me trespasssem e escarneçam de mim”⁷². Dominado pelo receio, o escudeiro se recusa a atendê-lo, portanto Saul toma a espada e se atira sobre ela num gesto suicida que é prontamente imitado pelo escudeiro.

No texto de 2 Sm 1:1-16, um mensageiro traz as notícias da batalha para Davi e seus homens. Ele anuncia a derrocada do exército israelita e a morte de Saul e Jônatas, mas não faz menção aos outros filhos do rei. Quando o futuro monarca pede mais detalhes, ele pinta um retrato detalhado da morte de Saul, o

⁷⁰ Existe ainda um terceiro relato da morte de Saul em 1 Cr 10:1-7, o qual segue, com ligeiras variações, a história contada em 1 Sm 31. Para uma análise comparativa dos três relatos, ver DAUBE, David. Death as a Release in the Bible. *Novum Testamentum*, Vol. 5, Fasc. 2/3 (Jul., 1962), p. 83-86. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1560019>>. Acesso em: 12/03/2013. Uma discussão sobre o propósito da inclusão desse episódio (dentre tantos protagonizados por Saul, é o único que figura em Cr) na obra do cronista aparece em ZALEWSKI, Saul. The Purpose of the Story of the Death of Saul in 1 Chronicles X. *Vetus Testamentum*, Vol. 39, Fasc. 4 (Oct., 1989), p. 449-467. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1519163>>. Acesso em: 12/03/2013.

⁷¹ YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 801.

⁷² Cf. 1 Sm 31:3.

qual ele encontrara apoiado em sua lança e sob a perseguição dos carros e cavaleiros filisteus. Quando viu o mensageiro, o rei perguntou quem ele era e, ouvindo que era um amalequita, pediu que este o matasse, pois o seu vigor tinha murchado. Percebendo que Saul não poderia sobreviver, o homem não somente cumpriu a ordem como despojou o cadáver das insígnias reais e as trouxe para Davi⁷³. Arnold lista as diferenças mais flagrantes entre as duas passagens:

There the king committed suicide, here the Amalekite killed him; there he was wounded by archers, here his enemies were charioteers; there the Philistines took his armor, here the Amalekite brought his crown and armlet to David⁷⁴.

Tamanha dessemelhança não passou despercebida perante o olhar rigoroso de estudiosos de várias épocas, tanto que Josefo, ainda na Antiguidade, propôs uma “harmonização” segundo a qual Saul, já desgastado pelos ferimentos, não conseguiu, ao se lançar sobre a espada, fazê-la atravessar o seu corpo e por isso pediu auxílio ao amalequita, que deu o golpe de misericórdia no rei, despojou-o e fugiu. Quando viu que o seu soberano estava morto, o escudeiro cometeu suicídio⁷⁵. No círculo dos eruditos modernos, a existência de duas versões sobre a morte de Saul gerou várias explicações, as quais se dividem entre aquelas que são baseadas na história da composição do texto e aquelas que são baseadas na composição do texto da história⁷⁶.

⁷³ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 62

⁷⁴ ARNOLD, Bill T. The Amalekite's Report of Saul's Death: Political Intrigue or Incompatible Sources?. *JETS*. 32/3 (Sep., 1983), p. 290.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 290.

⁷⁶ Segundo Green, “Scholarly attention has moved from resolving the differences... by ‘old literary criticism’ to sorting the issues in terms of ‘new literary’ theory. That is, a generation ago commentary tended to hypothesize sources or readactional layers to cope with the obvious differences between the two accounts; but more recently studies have investigated the critical problems of narrative strategy, of narrator vs. character reliability... and of character construction...”. Cf. GREEN, Barbara. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 436.

Um exemplar típico do primeiro grupo é a elucidação apresentada por Smith, pois, de acordo com ele, cada relato provém de um dos grandes tecidos literários que foram costurados na formação dos livros de Samuel. 1 Sm 31 pertenceria à fonte denominada *Sl.* (Saul), dedicada a narrar a vida de Saul, e seria o sucessor natural de 1 Sm 28, que descreve a visita de Saul à médium de En-Dor e apresenta a profecia da sua derrota e morte no iminente conflito com os filisteus, ao passo que 2 Sm 1 seria oriundo da fonte *Sm.* (Samuel), dedicada à vida de Samuel e de Davi, e se encaixaria adequadamente depois de 1 Sm 30, que narra o confronto, citado em 2 Sm 1:1, entre Davi e o amalequitas que haviam atacado Ziclague⁷⁷. Outros intérpretes – sobretudo Budde e seus seguidores – identificam diferentes fios no tecido do capítulo que inaugura 2 Sm. Os versículos 1-4 e 11-12 seriam esticados da trama de 1 Sm 31 e comporiam aquele relato mais antigo, porém teriam sido combinados com informações presentes num relato posterior, que aparece nos versículos 6-10 e 13-16 (o versículo 5, no qual Davi pergunta sobre as mortes de Saul e Jônatas, seria uma adição editorial destinada a amarrar as duas histórias). Conforme os proponentes dessa análise, a primeira tradição introduzia um mensageiro israelita que anunciava a derrota do seu povo e descrevia o conseqüente luto de Davi e seus homens, enquanto a segunda tradição, mais tardia, afirmava que Davi condenara o mensageiro à morte e, a fim de suavizar esse fato, transformava-o num amalequita que ousara estender a mão contra o Ungido do Senhor⁷⁸. Houve ainda quem supusesse que existiam duas versões da morte de Saul em circulação e o compilador de 2 Sm 1 preferiu aproveitar aquela que envolvia o amalequita por causa das implicações teológicas que ela carregava, já que o rei, segundo a história registrada em 1 Sm 15, fora condenado por sua falha em cumprir o mandado divino para exterminar o povo de Amaleque⁷⁹.

⁷⁷ SMITH, Henry P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992, p. xvi-xxvi, 251 e 254.

⁷⁸ Para uma variante desse modelo, ver DAUBE, David. Death as a Release in the Bible. *Novum Testamentum*, Vol. 5, Fasc. 2/3 (Jul., 1962), p. 85-86. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1560019>>. Acesso em: 12/03/2013.

⁷⁹ Essas e outras hipóteses são discutidas em McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 62-63; ARNOLD, Bill T. The Amalekite's Report of Saul's Death: Political Intrigue or Incompatible Sources?. *JETS*. 32/3 (Sep., 1983), p. 290-294.

No entanto, embora reconheçam o valor dessas explicações, mesmo estudiosos engajados na história da composição do texto apostam numa solução colhida numa interpretação do próprio texto: o mensageiro amalequita está mentindo⁸⁰. McCarter, por exemplo, cujo comentário oferece um inequívoco testemunho do seu empenho na identificação de cada uma das múltiplas vozes narrativas que foram orquestradas na elaboração dos livros de Samuel, aceita a explicação de que o mensageiro apresenta um falso depoimento quando proclama o seu protagonismo na morte de Saul⁸¹. Afinal, como observa Arnold, os fatos gerais do seu discurso não contradizem o relato de 1 Sm 31, o qual é desmentido apenas no trecho em que ele narra os derradeiros momentos da vida do rei (2 Sm 1:7-10)⁸². De acordo com McCarter, seria verdadeira a informação de que ele chegou por acaso ao monte Gilboa (v. 6), contudo, isso ocorrera após o combate e, ao percorrer o campo de batalha, o amalequita já teria encontrado o rei morto, então privou-o dos seus adornos e decidiu levá-los a Davi, um poderoso candidato ao trono, a fim de obter alguma recompensa. Para ampliar a eficácia do seu estratagema e se tornar mais admirável aos olhos do futuro rei, ele resolveu se apresentar como aquele que matara Saul – um acréscimo que assinalou a sua sentença de morte. A identidade do mensageiro já forneceria, para a audiência israelita, uma pista do ardil, pois os amalequitas eram reconhecidos como oportunistas⁸³. Segundo McCarter, essa versão só teria sido preservada a fim de explicar como as insígnias reais chegaram a Davi⁸⁴. Não é possível determinar se Davi percebeu ou não o estratagema, mas ele parece ter

⁸⁰ Smith reconhece essa possibilidade, porém nega o seu valor porque nem Davi aparenta ter consciência do engano nem o autor indica isso em qualquer trecho da narrativa. Cf. SMITH, Henry P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992, p. 254.

⁸¹ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 63-65.

⁸² ARNOLD, Bill T. The Amalekite's Report of Saul's Death: Political Intrigue or Incompatible Sources?. *JETS*. 32/3 (Sep., 1983), p. 294.

⁸³ Esse traço do caráter dos amalequitas é revelado na sua capacidade de tirar vantagem de oponentes fragilizados, como fizeram ao atacar a retaguarda do povo de Israel durante a jornada para a Canaã (Ex 17:8-16 e Dt 25:17-19) e ao saquear Ziclague quando ela estava desprotegida por Davi e seus homens (1 Sm 30). Os ouvintes do mensageiro não estariam sendo vítimas da mesma perfídia? Cf. ARNOLD, Bill T. *1 and 2 Samuel: the NIV application commentary from biblical text – to contemporary life*. Grand Rapids: Zondervan, 2003, p. 410.

⁸⁴ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 63-65.

notado a cobiça que se insinuava nos gestos e palavras do mensageiro, pois se referiu a ele mais tarde como um exemplo de alguém que trouxera embrulhada tal qual boas novas a terrível notícia de que um grande homem tinha morrido, aparentemente com o intuito de obter um favor de Davi e por isso ele fora condenado (2 Sm 4:9 e 10)⁸⁵.

Essa leitura é desposada por intérpretes vinculados aos estudos literários, isto é, aqueles que voltam a sua atenção preferencialmente à composição do texto da história. Dentre eles, Berlin apresenta duas evidências de que o discurso do mensageiro é inverídico. A primeira é a justaposição de um relato, em 1 Sm 31, transmitido pelo narrador onisciente e de um, em 2 Sm 1, transmitido por um personagem, já que, na poética da narrativa bíblica, a confiabilidade da voz do narrador é muito superior à dos personagens⁸⁶, portanto, se as duas versões estão dispostas em sequência, não deveria ser difícil para o leitor saber em qual delas deveria acreditar. A segunda é o fato da expressão *wəhinnêh* (“e eis”) aparecer duas vezes num breve trecho fala do amalequita⁸⁷, pois esse seria um traço estilístico típico dos relatos de sonhos e indicaria que as palavras do mensageiro não brotam da realidade. A função da história de 2 Sm 1 seria promover uma transição do foco narrativo, que passa da morte de Saul para o modo como a notícia alcança Davi (até o fim de 1 Sm, eles são os protagonistas que dividem o palco armado nas páginas do livro) e, a partir dali, permanece somente no encaixe do filho de Jessé⁸⁸. Alter ressalta a estranheza de alguém afirmar que chegou por acaso a um campo de batalha e, seguindo Fokkelman, sugere que a tripla descrição do amalequita como “o moço que contava”

⁸⁵ Davi faz essa declaração antes de ordenar que a dupla de assassinos de Isbosete fosse executada. Assim como o mensageiro amalequita, os dois homens calcularam mal qual seria a reação de Davi ao anúncio da morte dos seus rivais e, assumindo a responsabilidade pela eliminação deles, pagaram com seu próprio sangue por aquele que afirmaram ter derramado. Cf. *Ibidem*, p. 63.; ARNOLD, Bill T. The Amalekite's Report of Saul's Death: Political Intrigue or Incompatible Sources?. *JETS*. 32/3 (Sep., 1983), p. 295.

⁸⁶ Essa distinção entre a autoridade do discurso do narrador e a dos personagens é desenvolvida por Sternberg. Cf. STERNBERG, Meir. *The poetics of biblical narrative: ideological literature and the drama of reading*. Bloomington: Indiana University Press, 1987, p. 245 e 256.

⁸⁷ Cf. 2 Sm 1:6

⁸⁸ BERLIN, Adele. *Poetics and interpretation of biblical narrative*. Sheffield: The Almond Press, 1983, p. 79-82.

(*hanna'ar hammaggîd*)⁸⁹ pode ser um indício da natureza forjada dos eventos que ele transmite⁹⁰.

Apesar de assumir tanto que o processo de formação do texto pode ter sido complexo, gerando as mencionadas diferenças, quanto a possibilidade de captar, no texto tal como se apresenta, pistas de que o mensageiro fabricou alguns dos fios que tecem a sua história, a narrativa de 2 Sm 1 será tratada neste trabalho como se fosse um relato uno e válido, pois é assim que os personagens a entendem e nisso baseiam as suas reações. Além disso, a atuação do amalequita molda o contexto no qual emerge a *qînāh* e fornece uma série de elementos que enriquece o panorama da queda de Saul e da ascensão de Davi⁹¹.

A arquitetura do capítulo que inaugura 2 Sm – uma narrativa coroada por um poema – recorda a construção exibida pela abertura de 1 Sm, na qual a história do nascimento de Samuel, contada em 1 Sm 1, também é adornada por um poema, o cântico de Ana⁹². Essa similaridade estrutural das seções que principiam os dois livros de Samuel acentua a diferença que marca o seu conteúdo. A primeira narrativa, iluminada pela vida, descreve a passagem da esterilidade para o florescimento da geração, da ausência para a presença de vida, e um exultante louvor a Deus salta dos lábios da protagonista. A segunda, sombreada pela morte, descreve a passagem da fertilidade para o fenecimento da geração (Saul e seu filho pereceram), da presença para a ausência de vida, e um pungente lamento sem Deus⁹³ cai dos lábios do protagonista. O cântico de Ana, ao celebrar o poder divino para intervir miraculosamente na história dos homens e causar reviravoltas fabulosas⁹⁴, é considerado uma espécie de

⁸⁹ Cf. 2 Sm 1:5,6,13.

⁹⁰ ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 195-196.

⁹¹ Uma posição similar é expressa em BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel*. Louisville: John Knox Press, 1990, p. 213.

⁹² Cf. 1 Sm 2:1-10. Alter resume o debate sobre a origem do poema e a sua contribuição para as histórias registradas em Samuel: ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 9.

⁹³ Ao passo que o cântico de Ana abriga oito citações do nome divino, nenhuma alusão a Deus figura na *qînāh* de Davi

⁹⁴ “O Senhor é o que tira vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir”, 1 Sm 2:6.

epígrafe para as narrativas dos livros de Samuel, nas quais Deus eleva os fracos e abate os fortes⁹⁵. Entrelaçado ao salmo de Davi registrado em 2 Sm 22⁹⁶, com o qual partilha elementos vocabulares e temáticos, ele envolve os livros de Samuel numa jubilosa orquestração poética que ressoa nas cenas inicial e final da obra, festejando a vitória da monarquia em Israel⁹⁷. A *qînāh*, ouvida entre os dois poemas apoteóticos, vibra uma nota dissonante que perturba essa harmonia triunfal⁹⁸. Não obstante o contraste com o colorido cântico de Ana realce o tom nublado que tinge o lamento de Davi, há um verso no primeiro poema que se liga ao segundo: “O arco dos fortes [*gibbōrīm*]⁹⁹ é quebrado, porém os débeis cingidos de força”¹⁰⁰. Enquanto Ana exalta a derrocada de valentes como uma manifestação da soberania divina, a Davi só resta chorar a queda deles¹⁰¹.

Embora Davi seja introduzido em 1 Sm 16:18 como alguém dotado de talento musical, somente em 2 Sm 1 é possível admirar o primeiro registro de uma composição dele¹⁰². Entretanto, ao acompanhar os gestos de Davi nesse capítulo, percebe-se que a voz na qual desabrocha a *qînāh* é a mesma que dispara a ordem para a sumária execução do mensageiro. A sequência de ações descritas a partir do v. 11 (luto – interrogatório e condenação – lamento) permite contemplar simultaneamente os dois traços que definem o retrato do filho de Jessé e estariam refletidos nas suas duas apresentações – a unção e ida para a

⁹⁵ McCARTER, Peter K. *1 Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v.8. New York: Doubleday, 1980, p. 76.

⁹⁶ Cf. Sl 18.

⁹⁷ POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 32-34.

⁹⁸ Polzin vislumbra, na complexa interação dos três poemas, um comentário sobre a turbulenta história, em que se mesclam fulgores e trevas, da monarquia em Israel. Cf. *Ibidem*, p. 32-38.

⁹⁹ Além de *gibbōrīm*, o termo “arco” (*qešet*) aparece duas vezes na passagem do lamento de Davi e, segundo alguns estudiosos, seria o seu título. Cf. 2 Sm 1:18,22.

¹⁰⁰ Cf. 1 Sm 2:4.

¹⁰¹ Para uma discussão sobre as funções que os dois poemas desempenham nos livros de Samuel, ver GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013.

¹⁰² ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 198.

corte como músico do rei e o duelo com Golias¹⁰³: o Davi lírico e o épico, o pastor que dedilha a harpa e o guerreiro que maneja a espada, o líder abençoado (“o Senhor é com ele”) e o político calculista¹⁰⁴. Sobre a força dessas duas linhas, que aparecem com tanta nitidez em 2 Sm 1, para desenhar os contornos da figura de Davi, comenta Alter:

Davi será um brilhante rei-guerreiro, e como Semei, da casa de Saul, o chamou certa vez, um “homem sanguinário” – e para essa identidade não poderia haver melhor prefácio que a história de Golias. Mas Davi é também o eloquente poeta elegíaco, compositor de salmos, o homem sensível e apaixonado que ama Jônatas e chora seus filhos mortos, e esse seu lado é adequadamente introduzido pela história de sua aparição na corte como músico [...].¹⁰⁵

O capítulo principia com a morte (“Depois da morte de Saul”¹⁰⁶) e isso confere à narrativa um tom fúnebre que vai cobri-la até as suas derradeiras palavras. A fórmula inscrita no versículo inaugural o liga aos primeiros versículos de Josué (“Sucedeu, depois da morte de Moisés”) e Juízes (“Depois da morte de Josué”), revelando que a expressão funcionaria como uma marca de transições significativas, pois a morte de um grande líder assinalaria o surgimento de um novo período histórico¹⁰⁷.

¹⁰³ Cf. 1 Sm 16; 1 Sm 17.

¹⁰⁴ Esses traços já aparecem combinados no discurso em que um cortesão o descreve para Saul: “Conheço um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar e é forte e valente, homem de guerra...” (1 Sm 16:18). Alter propõe uma interpretação segundo a qual os dois relatos que introduzem Davi na narrativa (1 Sm 16 e 17) cooperam para caracterizar de modo ambíguo tanto o personagem quanto a sua história. Cf. ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 220-228.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 227.

¹⁰⁶ Cf. 2 Sm 1:1

¹⁰⁷ HERTZBERG, Hans W. *I & II Samuel: a commentary*. Trad. J. S. Bowden. The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1964, p. 236. Como observa MacCarter, embora ligeiramente modificada, a fórmula também aparece em 2 Rs 1:1, o que sugere que a morte de uma figura proeminente foi usada como critério para dividir os, originalmente unidos, livros de Samuel e de Reis. Cf. McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 57-58.

O emprego da fórmula, entretanto, não cumpre apenas o intento de sublinhar a passagem do trono de Saul para Davi e basta reparar na continuação dos três versículos citados para descobrir que eles projetam uma luz sobre a leitura de 2 Samuel 1:

Sucedeu, depois da morte de Moisés, servo do Senhor, que este falou a Josué, filho de Num, servidor de Moisés, dizendo... Js 1:1

Depois da morte de Josué, os filhos de Israel consultaram o Senhor, dizendo: Quem dentre nós, primeiro, subirá aos cananeus para pelejar contra eles? Jz 1:1

Depois da morte de Saul, voltando Davi da derrota dos amalequitas e estando já dois dias em Ziclague... 2 Sm 1:1

Tanto no livro de Josué quanto no livro de Juízes, Deus está presente e orienta o processo de transição, seja por meio da fala dirigida ao novo líder, seja por meio da resposta à consulta do povo, contudo, em 2 Samuel 1, Deus permanece ausente durante o capítulo inteiro¹⁰⁸, pois a voz divina a ninguém busca e ninguém busca a voz divina, o que ergue um cenário adequado para abrigar uma *qîṇāh*. Deus somente vai se manifestar quando Davi, após lamentar a morte de Saul e Jônatas, consultá-lo¹⁰⁹ no início do capítulo seguinte¹¹⁰. 2 Sm 1, portanto, não completa o movimento de transição¹¹¹ e a ascensão de Davi é adiada até a próxima seção narrativa¹¹². Antes de subir, os personagens precisam baixar até o chão no qual os valentes caíram e cultivá-lo com seu lamento. Por isso a passagem pende sob o peso da queda e, qual um terreno

¹⁰⁸ O nome divino é citado apenas três vezes e, em nenhuma delas, Deus aparece na função de agente da narrativa. Cf. 2 Sm 1:12, 14 e 16.

¹⁰⁹ No texto original 2 Sm 2:1, aparece o verbo de radical š', isto é, o mesmo empregado em Jz 1:1.

¹¹⁰ "Depois disto, consultou Davi ao SENHOR, dizendo: Subirei a alguma das cidades de Judá? Respondeu-lhe o SENHOR: Sobe. Perguntou Davi: Para onde subirei? Respondeu o SENHOR: Para Hebrom" (2 Sm 2:1).

¹¹¹ Entretanto, sendo o ponto de passagem da história do conflito entre Saul e Davi para a história do reinado de Davi, o capítulo possui, como se verá, várias alusões à aclamação do novo rei.

¹¹² O verbo "subir" (*'lh*) aparece cinco vezes em 2 Sm 1-3 e fornece a chave temática da passagem. Cf. YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 819.

textual nutrido pelas sombras, se torna um solo onde a *qînāh* pode ser plantada. “Depois da morte de Saul”... e o capítulo todo veste luto.

A justaposição das referências à morte de Saul, ocorrida no confronto com os filisteus, e à vitória de Davi sobre o amalequitas sinaliza o contraste entre a tragédia que abateu o antigo rei e o triunfo que laureou o novo, contrapondo o passado e o futuro de Israel, sendo que, no texto original¹¹³, isso ganha maior relevo, pois os dois nomes estão pareados¹¹⁴. Esse contraste fica mais acentuado quando se leva em conta que a rejeição e o fracasso de Saul foram causados pelo seu insucesso em realizar o mandato divino para exterminar os amalequitas¹¹⁵. Onde seu antecessor falhara, Davi de certo modo alcançou êxito¹¹⁶. A própria raiz verbal usada para descrever a conquista sobre os amalequitas em 2 Sm 1:1 (*nkh*, que porta o sentido de “atingir”, “ferir”) aparece também em 1 Sm 15:3, quando Deus ordena que Saul vá ferir Amaleque a fim de aniquilar aquele povo¹¹⁷.

Essa distinção de resultados no plano geral – o malogro de Saul e o exulto de Davi no embate com o povo amalequita – vai ser reproduzida, ao longo do capítulo, no plano particular – a submissão do primeiro e a altivez do segundo no embate com o mensageiro amalequita¹¹⁸. É significativo que a mesma raiz ressurgja para anunciar o golpe fatal que um soldado, cumprindo a sentença de

¹¹³ Cf. 2 Sm 2:1: *wayhî 'ahărê mōwṭ šā'ul wəḏāwīḏ šāb mēhakkōwṭ hā'āmālēq*. Vale destacar que o nome de Davi aparece ligado às mesmas raízes verbais em duas passagens que descrevem justamente vitórias sobre filisteus no início de sua carreira militar. Cf. 1 Sm 17:57; 18:6. Disponível em <http://biblesuite.com/hebrew/mehakkot_5221.htm>. Acesso em 12/09/2013.

¹¹⁴ GORDON, Robert P. *I & II Samuel: a commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 208.

¹¹⁵ Cf. 1 Sm 15; 28:18-19.

¹¹⁶ Ibidem, p.198; HERTZBERG, Hans W. *I & II Samuel: a commentary*. Trad. J. S. Bowden. The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1964, p. 226.

¹¹⁷ GORDON, Robert P. *I & II Samuel: a commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 208. Como já foi observado, os amalequitas, cuja origem é associada a Esaú (Gn 36:16), figuram nas narrativas bíblicas como grandes inimigos de Israel (Ex 17:8-16 e Dt 25:17-19).

¹¹⁸ O paralelo entre Saul e Davi, regularmente favorável ao segundo, é delineado desde o momento em que o filho de Jessé adentra a narrativa – “Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio de seus irmãos; e, daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi. Então, Samuel se levantou e foi para Ramá. Tendo-se retirado de Saul o Espírito do SENHOR, da parte deste um espírito maligno o atormentava” (1 Sm 16:13-14) – e prossegue até este capítulo em que o filho de Quis sai dela.

Davi, desferiu sobre o mensageiro¹¹⁹. Assim, a referida raiz, fincada no primeiro e no penúltimo versículo, emoldura a narrativa¹²⁰.

Ao observar esse encadeamento de ações no interior do relato, Alter ressalta que elas são organizadas de acordo com uma simetria: Davi feriu os amalequitas, um amalequita feriu Saul e, por fim, Davi feriu o amalequita¹²¹. Tal arquitetura expõe ainda mais a ruína do antigo rei e a solidez do novo. Considerando todos os eventos registrados, Youngblood propõe um arranjo quiasmático mais sofisticado para a passagem¹²²:

- A. David strikes down the Amalekites (1:1).
- B. David questions an Amalekite (1:2-5).
- C. The Amalekite tells David his story (1:6-10).
- C'. David and his men react to the Amalekite's story (1:11-12).
- B'. David questions the Amalekite again (1:13-14).
- A'. David strikes down the Amalekite. (1:15-16).

A narrativa é, assim, dividida em duas partes marcadas pelos dois momentos em que o mensageiro é interrogado e separadas pelo ritual de luto que Davi e seus homens realizam – isso trará consequências significativas para a leitura do relato. Além disso, vale notar que a referência ao retorno vitorioso de Davi amarra este capítulo à trama de 1 Sm 30, na qual, aproveitando a ausência de Davi e seus guerreiros em Ziclague, os amalequitas atacam e saqueiam a cidade, levando consigo as mulheres e as crianças. Quando chegam ali, já no terceiro dia, os israelitas choram amargamente ao contemplar a destruição, em

¹¹⁹ Cf. 2 Sm 1:15.

¹²⁰ YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 805.

¹²¹ ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 195.

¹²² YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 804-805.

seguida saem no encalço dos invasores e os derrotam, salvando os familiares e obtendo grande despojo. Não é difícil observar algumas semelhanças entre as duas histórias: desde a menção ao terceiro dia como o marco inicial dos acontecimentos, passando pela ação de gente amalequita que causa danos aos israelitas e desperta o lamento de Davi e seus homens até a reparação que pune o agressor amalequita¹²³. Portanto, o versículo inicial de 2 Sm 1 já carrega um prenúncio do destino sombrio que aguarda o mensageiro, embora a identidade deste seja revelada apenas em pontos decisivos da narrativa, e a conexão entre as seções A e A', reforçada pela presença da raiz *nkh*, se torna inequívoca.

Se o primeiro versículo arma o cenário, o seguinte desfecha a ação. Após dois dias estabelecidos em Ziclague, a rotina de Davi e seus homens é sacudida pela chegada de um homem “vindo do arraial de Saul”. A aparência dele exhibe sinais tradicionais de luto, pois as suas roupas estão rasgadas e há terra sobre a sua cabeça¹²⁴, o que antecipa o teor lúgubre das suas palavras. Ao se aproximar de Davi, ele se inclina na direção da terra e presta uma homenagem¹²⁵. Alguém proveniente do lado de Saul que se curva diante de Davi: uma cena bastante sugestiva da legitimação do novo rei. Segundo Galpaz-Feller, existe, na narrativa bíblica, um contexto característico quando aparece um mensageiro que traz notícias de uma batalha:

Messengers announcing the results of a war appear in the Bible in a standard way: the main protagonists receive the report of the battle which was decided in their absence. The messenger,

¹²³ Cf. 1 Sm 30:1; 2 Sm 1:2; 1 Sm 30:4; 2 Sm 1:11-12; 1 Sm 30:17; 2 Sm 1:15-16. Ademais, enquanto na primeira história, após ferir os amalequitas, Davi distribui o despojo entre seus guerreiros e a gente de Judá, na segunda, após a execução do amalequita, ele também partilha algo valioso com os homens do seu bando e os filhos de Judá - a *qināh*. Cf. 1 Sm 30:19-31; 2 Sm 1:17-18.

¹²⁴ ANDERSON, ARNOLD A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 6; GALPAZ-FELLER, Prina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 200-201.

¹²⁵ A cena lembra aquela em que Abigail se prostra perante Davi: “Lançou-se-lhe aos pés e disse: Ah! Senhor meu, caia a culpa sobre mim; permite falar a tua serva contigo e ouve as palavras da tua serva” (1 Sm 25:23-24:). Cf. YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 805. Uma deferência similar aparece na recepção que Abraão oferece aos três visitantes (Gn 18:2). São gestos que denotam humildade e submissão.

therefore, connects the battlefield and the leader who did not participate. By means of his report, therefore, the messenger influences the actions and responses of the main protagonist, and may change the course of history.¹²⁶

Como reconheceram vários estudiosos¹²⁷, há uma coleção marcante de paralelos entre a cena que envolve Davi e o mensageiro amalequita e a cena que envolve Eli e o mensageiro benjamita¹²⁸. Os dois homens trazem notícias de uma batalha com os filisteus na qual os israelitas foram destroçados, ostentam vestes rasgadas e terra sobre a cabeça, escutam a mesma pergunta dos seus interlocutores (*meh-hāyāh haddābār*)¹²⁹ e respondem com um relatório muito similar – o povo fugiu, muitos caíram e pereceram e duas figuras proeminentes e significativas para as suas respectivas audiências estão mortas: Hofni e Finéias, filhos de Eli, no primeiro caso; Saul e Jônatas, no segundo¹³⁰. Ambas as cenas terminam com uma morte, no entanto ocorre uma curiosa inversão, pois, em 1 Sm 4, morre Eli, aquele que ouviu o relato, e, em 2 Sm 1, o amalequita, aquele que o transmitiu¹³¹.

As semelhanças entre as duas cenas que recontam fracassos militares do povo de Israel ajudam a reforçar o seu significado comum: ambas anunciam a derrocada de casas poderosas – a casa de Eli e a casa de Saul. Dentre as circunstâncias presentes nas duas quedas, é possível citar: elas foram

¹²⁶ GALPAZ-FELLER, Pnina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 200.

¹²⁷ McCARTER, Peter K. *1 Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v.8. New York: Doubleday, 1980, p. 113; ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 195.

¹²⁸ Cf. 1 Sm 4:12-18.

¹²⁹ “O que sucedeu?” ou “Como foi lá isso?”. Cf. 1 Sm 4:16 e 2 Sm 1:4.

¹³⁰ O benjamita conclui o seu depoimento com a informação de que a arca foi tomada pelos inimigos, o que precipita a queda e falecimento do velho sacerdote (1 Sm 4:17 e 18). Resta ainda um epílogo que narra os momentos finais da nora de Eli (1 Sm 4:19-21), a qual, como se verá, lapida, por meio do nome que escolhe para o seu filho, um memorial dessa catástrofe.

¹³¹ GUNN, David M. Narrative Patterns and Oral Tradition in Judges and Samuel. *Vetus Testamentum*, Vol. 24, Fasc. 3 (Jul., 1974), p. 290-292. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517454>>. Acesso em: 06/05/2013; YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 597-598.

profetizadas por Samuel¹³² e representavam juízos divinos, lançaram a morte sobre o pai e os filhos no mesmo dia¹³³, aconteceram em derrotas perante os filisteus e proporcionaram a ascensão de alguém ligado aos líderes mortos¹³⁴. Essas reverberações ampliam a dimensão de tragédia nacional que reveste as notícias comunicadas pelo mensageiro amalequita e justificam o lamento gerado por elas.

Seguindo a rota das histórias que possuem parentesco vocabular e temático com 2 Sm 1, há outro momento em que um personagem se aproxima de Davi e expressa o seu luto por meio do manto rasgado e da terra semeada sobre a cabeça¹³⁵. Alarmado pelas notícias da revolta de Absalão, o rei e seu séquito abandonam Jerusalém. Quando chegam ao cimo do monte das Oliveiras, Husai, assumindo aspecto enlutado, vem se juntar a eles. Ele não é um mensageiro e, ademais, as informações funestas já se espalharam, de modo que o pranto jorra caudaloso sobre as faces de Davi e seus homens¹³⁶. No entanto, é significativo que essa singular descrição de luto, a qual só ocorre três vezes em toda a Bíblia Hebraica, apareça numa passagem que também está relacionada a uma tragédia nacional¹³⁷. Assim como caíram a casa de Eli e a casa de Saul, a casa de Davi está em perigo no episódio do levante de seu filho

¹³² Cf. 1 Sm 3:11-18 e 28:16-19. Com relação à família de Eli, houve também a devastadora predição do homem de Deus. Cf. 1 Sm 2:27-36.

¹³³ Mais: diferentemente dos filhos, os pais não perecem no combate, mas em circunstâncias particulares que ganham relevo narrativo – Eli quebra o pescoço ao cair do seu assento e Saul comete suicídio. Cf. POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 271.

¹³⁴ Afinal, Samuel cresceu no santuário sob os cuidados de Eli e Davi deixou a casa de seu pai a fim de morar na corte de Saul. POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 219. Para uma perspectiva teológica dessa comparação, ver YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 805.

¹³⁵ Cf. 2 Sm 15:32. GUNN, David M. Narrative Patterns and Oral Tradition in Judges and Samuel. *Vetus Testamentum*, Vol. 24, Fasc. 3 (Jul., 1974), p. 291. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517454>>. Acesso em: 06/05/2013

¹³⁶ Cf. 2 Sm 15:30.

¹³⁷ Polzin propõe uma leitura segundo a qual o relato da queda de Eli prefigura os dois relatos posteriores, ligados aos conflitos de Davi com seu “pai” Saul e seu filho Absalão. Além disso, as intrincadas relações entre eles compõem um painel sobre a conturbada trajetória da monarquia em Israel. Cf. POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 60-64.

Absalão¹³⁸. Ele, igualmente, é um líder que pode ser sucedido por alguém da sua casa e essa ameaça, que é resultado de juízo divino por causa dos seus pecados, foi profetizada¹³⁹.

Existe, contudo, outra ligação entre os eventos da rebelião e aqueles narrados em 2 Sm 1. Após o confronto que determina a vitória das forças leais a Davi, dois mensageiros são enviados a ele e trazem, nas palavras de Polzin, “glad tidings for the king, but terrible news for the father”¹⁴⁰, afinal, contrariando as instruções paternas, o filho insurgente foi morto. Logo, pode-se testemunhar, tal qual ocorreu quando ele soube que Saul e Jônatas haviam perecido, a reação de Davi a uma notícia que, embora seja triunfante no plano político, é trágica no plano pessoal: “Então, o rei, profundamente comovido, subiu à sala que estava por cima da porta e chorou; e, andando, dizia: Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho”¹⁴¹. Com a voz manchada de dor e limpa de eloquência, o pai profere um lamento cortante no qual a intensa repetição¹⁴² denuncia a impossibilidade de qualquer elaboração poética diante de tamanho sofrimento e a inversão na ordem das palavras – que parece refletir o desejo, expresso no centro do clamor, de inverter a sua posição e a do filho – se revela uma forma inócua de superar a redundância, pois ele continua cercado pela agonia, de modo que “meu filho meu filho” aparece tanto no início quanto no fim. É preciso notar, portanto, que, nas três cenas consideradas, as palavras de um mensageiro despertam uma aflição

¹³⁸ Apesar de resistir, ela foi severamente abalada pela perda de quatro filhos: o primogênito com Bate-Seba (2 Sm 12:14-18), Amnon (2 Sm 13:23-36), Absalão (2 Sm 18:9-33) e Adonias (1 Re 2:13-25).

¹³⁹ Cf. 2 Sm 12:7-12. Além de ressaltar várias similitudes entre o declínio da casa de Eli e o da casa de Davi (inclusive nas profecias que anunciavam o juízo sobre as duas), Berger sugere que, no desfecho do adultério com Bate-Seba, o destino do reinado de Davi não é mais promissor que o do governo de Eli ou de Saul. Cf. BERGER, Yitzhak. On Patterning in the Book of Samuel: ‘News of Death’ and the Kingship of David. *Journal for the Study of the Old Testament*, Vol. 35.4 (2011), p. 469-473. Disponível em: <<http://jot.sagepub.com/content/35/4/463>>. Acesso em: 06/05/2013.

¹⁴⁰ POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 61.

¹⁴¹ Cf. 2 Sm 18:33

¹⁴² Alter elege essas palavras de Davi como um exemplo de “repetição extrema, em que o recurso é totalmente justificado do ponto de vista dramático por exprimir uma espécie de gagueira mental”. Cf. ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 142-143.

dilacerante nos ouvintes¹⁴³ e esta emerge cristalizada em forma de palavra: a nora de Eli, antes de expirar, dá ao filho o nome de Icabô¹⁴⁴, Davi compõe a sua *qînāh* e, mais tarde, lança, com a voz em ruínas, um brado doloroso¹⁴⁵.

Ao analisar essas e outras cenas em que um personagem traz notícias trágicas para determinada audiência, Weitzman percebe que elas revelam um estrutura comum. Recorrendo a exemplos tanto da Bíblia Hebraica quanto da literatura ugarítica, ele identifica, na narrativa do antigo Oriente Médio, a existência de uma convenção literária, a qual denomina “cena-padrão de lamento”¹⁴⁶:

The structure of this type-scene consists of three elements: (a) the scene begins by describing the arrival of a messenger who reports that someone has died; (b) after citing the contents of the messenger's report, the narrative describes the listener's response, enumerating these as a catalogue of conventional acts of grief-the rending of clothes, weeping, fasting, etc; (c) the episode then culminates with the presentation of the mourner's verbal response to the news which, like the messenger's report, is cited verbatim.¹⁴⁷

¹⁴³ Garsiel enxerga nessas cenas a manifestação do julgamento divino sobre os líderes de Israel durante o período narrado nos livros de Samuel, pois o comportamento deles sela o destino de suas casas. Cf. GARSIEL, Moshe. *The First Book of Samuel: A Literary Study of Comparative Structures, Analogies, and Parallels*. Ramat-Gan: Revivim, 1986, p. 106. In: YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 1027.

¹⁴⁴ A tradução do nome seria algo como “Foi-se a glória de Israel”. Para uma discussão sobre os possíveis significados do termo, ver McCARTER, Peter K. *1 Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v.8. New York: Doubleday, 1980, p. 115-116. Assim como a *qînāh* de Davi faz um contraponto ao cântico de Ana, a nora de Eli, que morre após dar à luz e usa o nome do filho para perpetuar o seu desespero diante da calamidade que atingiu o povo de Israel, é uma espécie de antípoda de Ana, a mãe exultante. Na definição de Green, “the mother is fast-forwarded and very mortal version of the earlier, vital Hannah”. Cf. GREEN, Barbara. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 145.

¹⁴⁵ Cf. 1 Sm 4:19-22; 2 Sm 1:17-27; 2 Sm 18:33.

¹⁴⁶ O conceito de “cena-padrão” originou-se nos estudos homéricos e Alter, dentre outros, o transportou para a poética da narrativa bíblica. Cf. ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 79-101.

¹⁴⁷ WEITZMAN, Steven. David's Lament and the Poetics of Grief in 2 Samuel. *The Jewish Quarterly Review*, New Series, Vol. 85, No. 3/4 (Jan. - Apr., 1995), p. 345-346. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1454722>>. Acesso em: 22/01/2013.

Como os três atos desse enredo prototípico são encenados em 2 Sm 1, Weitzman propõe que uma das justificativas para a incorporação da *qînāh* à narrativa foi atender aos requisitos da convenção literária e prover a resposta verbal do enlutado¹⁴⁸. Além disso, ele entende que, no contexto de 2 Samuel, os episódios que narram as reações de Davi ao anúncio de mortes de pessoas ligadas a ele têm a função de assinalar o declínio na sua capacidade de governar, pois ao lamentar por Saul e Jônatas e, mais tarde, por Abner, o rei conquista aprovação popular e sua aptidão para a liderança é reconhecida, porém as suas atitudes perante as mortes do primeiro filho com Bate-Seba¹⁴⁹ e de Absalão geram perplexidade e reprovação naqueles que o cercam, realçando, assim como vários eventos registrados na metade final de 2 Samuel, falhas na conduta do rei e a perda do seu prestígio¹⁵⁰. A *qînāh* seria, então, uma espécie de paradigma relativo à forma virtuosa de lidar com notícias sombrias. Assim, as outras ações de Davi ao enfrentar tais notícias podem ser julgadas de acordo com o fato de se aproximarem ou se afastarem desse modelo¹⁵¹.

Retomando o relato de 2 Sm 1, pode-se notar que, seguindo a convenção da narrativa bíblica, após introduzir os personagens e o contexto em que eles se encontram, o narrador deixa que eles sejam os propulsores da ação e passa a reproduzir os diálogos costurados por suas vozes¹⁵². À descrição da aparência

¹⁴⁸ Ibidem, p. 351 e 352.

¹⁴⁹ Cf. 2 Sm 12:15-23.

¹⁵⁰ Cf. 2 Sm 3:31-39; 2 Sm 12:15-23; 2 Sm 18:33-19:7.

¹⁵¹ Ibidem, p. 352-360. Operando com o padrão “notícias de morte”, Berger também vislumbra no exame das várias cenas dos livros de Samuel nas quais um personagem recebe informações sobre a morte de figuras relevantes uma forma produtiva de captar significados da obra. Com relação ao retrato de Davi que emerge dos seus sucessivos encontros com tais notícias, o ensaísta atribui um papel decisivo à indiferença com que o rei encara o relato de que Urias e vários soldados pereceram em combate (2 Sm 11:14-25) – um gesto que, entrelaçado ao adultério com Bate-Seba e às tramas para ocultá-lo, lança uma sombra sobre o restante do seu reinado. Ao contrário de Weitzman, contudo, ele avalia positivamente a reação de Davi à morte do filho recém-nascido (2 Sm 12:15-25). Cf. BERGER, Yitzhak. On Patterning in the Book of Samuel: ‘News of Death’ and the Kingship of David. *Journal for the Study of the Old Testament*, Vol. 35.4 (2011), p. 463-481. Disponível em: <<http://jot.sagepub.com/content/35/4/463>>. Acesso em: 06/05/2013.

¹⁵² Sobre as relações entre narração e diálogo na composição das histórias bíblicas, ver ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 102-136.

do mensageiro e da reverência que ele presta a Davi, segue-se, no versículo seguinte, a pergunta que o futuro rei lhe dirige: “Donde vens?”. Essa indagação será repetida com uma alteração decisiva na abertura da segunda interlocução dos dois. Nesse momento, interessa a Davi determinar quais as circunstâncias que trouxeram aquele homem a Ziclague. Em sua resposta, ele afirma ter escapado do arraial de Israel. A raiz verbal que ele emprega (*mlt*, “escapar”), aliada ao sua aspecto, já insinua o desenlace da batalha¹⁵³.

Então Davi pede que o mensageiro lhe conte o que aconteceu no confronto. A proclamação do amalequita, a qual, como já foi notado, é bastante similar à do benjamita em 1 Sm 4:17, anuncia a fuga do povo, a queda de muitos e a morte de Saul e Jônatas. Cada elemento é conectado ao seguinte pela expressão *wəḡam* (“e também”), o que não somente produz um ritmo discursivo, mas também amplia a dramaticidade do novo dado, desembocando numa apoteose trágica ao findar com a notícia de que o rei e seu filho haviam perecido¹⁵⁴. As informações são divulgadas na ordem inversa da sua importância para o ouvinte de modo que a mais impactante é desferida somente no fecho do discurso¹⁵⁵. Ao longo de todo o capítulo sempre que o rei e o príncipe falecidos são mencionados juntos é utilizada a fórmula “Saul e Jônatas, seu filho”¹⁵⁶, o que enfatiza a sua união nesse destino funesto – algo resgatado no único verso da *qînāh* que entrelaça os dois nomes¹⁵⁷ – e alarga a dimensão da queda da casa de Saul.

O impacto com que a notícia da morte do rei e de seu filho atinge Davi é sinalizado pelo fato de que a sua próxima indagação tem o objetivo de averiguar a confiabilidade apenas dessa última informação: “Como sabes tu que Saul e

¹⁵³ GALPAZ-FELLER, Pnina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 204.

¹⁵⁴ BERGER, Yitzhak. On Patterning in the Book of Samuel: ‘News of Death’ and the Kingship of David. *Journal for the Study of the Old Testament*, Vol. 35.4 (2011), p. 466-468. Disponível em: <<http://jot.sagepub.com/content/35/4/463>>. Acesso em: 06/05/2013.

¹⁵⁵ SMITH, Henry P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992, p. 255; GALPAZ-FELLER, Pnina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 204.

¹⁵⁶ Cf. 2 Sm 1:4,5,12,17: *šā’ūl wihōwnātān bənōw*.

¹⁵⁷ Cf. 2 Sm 1:23.

Jônatas, seu filho, são mortos?”¹⁵⁸. Sem fazer qualquer menção a Jônatas (uma falha que Davi não cometerá ao compor a sua elegia), entre os versículos 6 e 10, o mensageiro narra, de forma detalhada os momentos finais da vida de Saul e, nesse depoimento, deixa de ser uma simples testemunha para se tornar um protagonista dos eventos que transmite. Ele chegou ao monte Gilboa e viu o rei apoiado sobre a sua lança e acossado pelos carros e pela cavalaria dos filisteus. Olhando ao redor, Saul o viu e chamou¹⁵⁹. O homem respondeu de modo servil e escutou do monarca uma pergunta relativa à sua identidade, a qual ele assume sem temor. É só nesse ponto, justamente quando Saul está prestes a ser morto pelas mãos dele, que a origem amalequita do mensageiro emerge no texto, fazendo vibrar nele ressonâncias tanto da trajetória de Saul quanto de Davi em seus embates com esse povo¹⁶⁰. Na continuação do relato, o mensageiro afirma que o rei, alegando exaustão por causa do esforço no combate e dos ferimentos, pediu que ele o atacasse e lhe acertasse um golpe fatal¹⁶¹ - e foi exatamente isso que ele fez. Para enfatizar a sua obediência, repete, na descrição do ato, os mesmos verbos do pedido¹⁶². Acrescenta ainda que realizou o ato porque sabia que o rei não resistiria após ter caído e que aproveitou a ocasião para tomar do

¹⁵⁸ Cf. 2 Sm 1:5. A partir desse verso, o homem que veio do arraial de Israel passa a ser referido como “moço”, o que para alguns justifica a hipótese de que houve a combinação de dois relatos diferentes, mas poderia ser apenas uma forma de descrever a função militar do mensageiro, pois esse termo era usado para designar os jovens guerreiros. Cf. McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 59. Ademais, como já foi visto, a expressão “o moço que contava” pode aludir ao caráter ficcional da história que ele conta nos versos seguintes.

¹⁵⁹ Acuado pelos filisteus e sem vislumbrar qualquer possibilidade de auxílio dentre os membros das suas fileiras, Saul, num esforço desesperado, recorre ao membro de um grupo que ele tentara exterminar – são marcantes as similaridades com as circunstâncias que o levaram a consultar a médium de En-Dor (1 Sm 28).

¹⁶⁰ Uma ironia desponta aos olhos do leitor mais atento: Saul foi rejeitado porque poupou Agague, o rei amalequita (1 Sm 15), e agora o rei de Israel solicita a um amalequita que o mate. Cf. ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 196.

¹⁶¹ A forma verbal utilizada (*ūmōtēṭēnī*) carregaria a ideia de dar o golpe de misericórdia em alguém ferido e próximo da morte. Cf. McCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 59

¹⁶² Gunn identifica um padrão que forjaria esta e outras cinco passagens em que é narrada uma morte violenta (uma delas, aliás, também aparece em 2 Sm 1 e expõe a execução do amalequita). Em todas elas, um líder se dirige a um subordinado que está perto e ordena, por meio de dois verbos no imperativo (um de preparação e outro de ação violenta), que ele mate alguém. Cf. GUNN, David M. *Narrative Patterns and Oral Tradition in Judges and Samuel*. *Vetus Testamentum*, Vol. 24, Fasc. 3 (Jul., 1974), p. 297-301. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517454>>. Acesso em: 06/05/2013.

corpo de Saul a coroa e o bracelete reais, os quais trouxera para Davi. Assim como a abertura da cena, a conclusão dela apresenta o mensageiro reverenciando o futuro rei e sugerindo, por meio de seus gestos e palavras, que chegou o momento deste se apoderar do trono¹⁶³, algo que seria simbolizado pela aceitação das insígnias reais.

Se a primeira parte da narrativa compõe um prelúdio para a ascensão de Davi, a segunda reverte as expectativas e silencia toda nota jubilosa que ela herdou. Depois da apresentação dos adereços reais¹⁶⁴, um suspense precede o próximo ato de Davi. Este, ao invés de apanhar as dádivas que o mensageiro lhe ofertava, apanha as próprias vestes e as rasga, isto é, ao invés de tomar o despojo de Saul, ele se despoja por Saul¹⁶⁵. Como foi dito a propósito do versículo que inicia 2 Sm 1, antes da sua elevação, Davi vai se prostrar na terra onde os valentes caíram. O gesto do líder é imitado pelos homens que o seguem. O luto, o choro e o jejum que duraram até o entardecer podem representar práticas costumeiras no repertório de lamento pelos mortos¹⁶⁶, entretanto, no contexto da passagem, eles tanto espelham a tristeza suscitada pela tragédia que ceifara Israel quanto ressaltam que não haveria saudação para o novo rei até que uma despedida digna fosse concedida ao antigo.

Ao elencar as razões para o lamento, o narrador expõe, em ordem inversa, os mesmos elementos da fala do amalequita no versículo 4: “...jejuaram até tarde por Saul, e por Jônatas, seu filho, e pelo povo do Senhor, e pela casa de Israel, porque tinham caído à espada”¹⁶⁷. Obviamente, agora é mais significativo dispor os fatos em ordem decrescente de importância e, nesse

¹⁶³ É significativo que o mensageiro nunca se refira a Saul como rei. Cf. ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 198. Aliás, a observação é válida para toda a narrativa.

¹⁶⁴ Tendo vivido na corte, Davi pode ter reconhecido aqueles objetos e isso confirmou a veracidade do relatório que acabara de ouvir. Cf. YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 807.

¹⁶⁵ Cf. 2 Sm 1:11.

¹⁶⁶ ANDERSON, ARNOLD A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 8; JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 48.

¹⁶⁷ Cf. 2 Sm 1:12. No lugar de *wəḡam*, a partícula que anima a cadência da frase é *wə'al* (“e por”).

arranjo, é como se o pranto de Davi e seus homens corresse desde Saul e seu filho até banhar todo o povo de Israel – em sua torrente, a voz que jorra na *qînāh* também vai cobrir o rei, o príncipe e o povo de Israel. Vale notar que, assim como Davi rasgou as vestes e foi seguido pelos homens que o cercavam, um movimento idêntico – do líder para os liderados – pode ser acompanhado na lista de motivos para o luto – de Saul e Jônatas para o povo – e no processo de transmissão da *qînāh* – de Davi para o seus súditos, afinal a elegia deveria ser ensinada aos filhos de Judá¹⁶⁸. Tal movimento parece infundir uma irresistível capacidade de propagação à atmosfera de lamento que domina o capítulo.

Cumprido o ritual de luto, Davi retoma a entrevista com o mensageiro, mas este diálogo será muito distinto daquele que o precedeu. Antes, o homem era portador de um conhecimento relevante¹⁶⁹ e isso lhe concedia alguma vantagem na relação com o futuro rei¹⁷⁰, dando-lhe a chance de tecer uma trama na qual ele desempenhava um papel decisivo na elevação de Davi e podia eventualmente ser recompensado por isso. Agora, Davi ostenta uma posição de autoridade e a conversa assume um tom de interrogatório¹⁷¹. Para notar a distinção entre as duas interações, basta avaliar o volume discursivo de cada interlocutor. Na primeira, Davi faz três perguntas curtas e o mensageiro oferece três respostas, sendo que duas são longas e a última, que ocupa quatro versículos, é, depois da elegia, a maior fala do capítulo. Portanto existe um predomínio da palavra dele, a qual, aliás, encerra a seção. Na segunda, cabe ao mensageiro só uma frase e todas as outras brotam dos lábios de Davi, inclusive a última, que estabelece o fundamento para a condenação. Pode-se vislumbrar a função do capítulo inteiro – apresentar a transição da morte de Saul para a

¹⁶⁸ Cf. 2 Sm 1:18.

¹⁶⁹ Em dois trechos, o verbo “saber” (*ygd'*) aparece conectado a ele. Cf. 2 Sm 1:5,10.

¹⁷⁰ Comenta Galpaz-Feller: “The speaker is in control of his speech, and delivers it with a clear understanding of its influence on the listener. On the surface, the speaker prostrates himself before David as a sign of honor, however, because of his knowledge, he also possesses power”. Cf. GALPAZ-FELLER, Pnina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 205.

¹⁷¹ “Here David appears as an authoritative figure, and he interrogates the man from a position of power, and not out of curiosity or fear that indicate weakness of spirit, that we saw in the first part of our story”. Cf. Ibidem, p. 207. Inclusive há quem identifique, nessa passagem, um breve procedimento legal em que o réu confesso é julgado e condenado. Cf. McCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 65.

consagração de Davi como rei – sendo sintetizada nessa passagem do luto para o interrogatório, do líder que chora a morte de alguém para o líder que condena alguém à morte.

Existe uma semelhança entre as duas questões com que o futuro rei inaugura os diálogos com o mensageiro¹⁷², porém ele, que antes só queria descobrir a origem da jornada do homem, agora deseja saber qual a origem do próprio homem. O seu interesse se move das circunstâncias do mensageiro para a identidade dele. Um reflexo do tom ameaçador que passa a vestir a voz de Davi aparece no fato de que o interrogado, em vez de responder confiantemente tal qual afirmou ter feito diante de Saul, prefere diluir a sua condição estrangeira: “Sou filho de um homem estrangeiro¹⁷³, amalequita”¹⁷⁴. A pergunta seguinte – “Como não temeste estender a mão para matares o ungido do Senhor?”¹⁷⁵ – convoca, por meio da expressão “ungido do Senhor”¹⁷⁶, a memória do leitor a recordar as duas ocasiões, relatadas em 1 Sm 24 e 26, nas quais Davi teve a oportunidade de matar o rei, quando este o perseguia, mas refreou o seu ímpeto em respeito à inviolabilidade daquele que fora ungido por Deus¹⁷⁷. Isso revela que, além do contraste entre Saul e Davi, o capítulo desenha um contraste entre Davi e o mensageiro.

¹⁷² Cf. 2 Sm 1:3,13: *’ê mizzeh tābōw* (“Donde vens?”) e *’ê mizzeh ’āttāh* (“Donde és tu?”).

¹⁷³ Sobre o status do *gēr*, o termo traduzido como “estrangeiro”, em Israel, ver ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 8 e 9. Para alguns intérpretes, essa condição tornava o seu ato mais indesculpável, afinal ele conhecia as instituições israelitas e deveria ter mostrado respeito pelo rei do povo que o acolheu. Cf. GORDON, Robert P. *I & II Samuel: a commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 209-210.

¹⁷⁴ Novamente, a referência à identidade dele surge num momento decisivo – lá, antes que ele matasse; aqui, antes que ele seja morto.

¹⁷⁵ Cf. 2 Sm 2:14.

¹⁷⁶ A expressão ocorre onze vezes na Bíblia Hebraica e só uma referência não figura nos livros de Samuel. Ela sugere a poderosa ligação que se acreditava existir entre Deus e o rei nos primórdios da monarquia em Israel. Cf. ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 9. Como aparece sempre no discurso de Davi, estudiosos reconheceram o caráter político do conceito e o fato de Davi empregá-lo numa estratégia de autopreservação, afinal, ele também é “ungido do Senhor”. Cf. POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 210 e 212.

¹⁷⁷ Sobre o propósito desses dois episódios e suas ligações entre si e com a história narrada no capítulo intermediário (Davi e Nabal, 1 Sm 25), ver GORDON, Robert P. David’s rise and Saul’s demise: narrative analogy in 1 Samuel 24-26. *Tyndale Bulletin*, Vol. 31 (1980), p. 37-64; POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 209-213.

Assim como o amalequita, Davi teve diante de si um Saul vulnerável e foi incentivado a aproveitar a chance para matá-lo ou permitir que outros o fizessem¹⁷⁸. Embora tivesse motivos para desferir o golpe fatal, ele recuou a sua mão duas vezes¹⁷⁹, ao passo que o mensageiro, na primeira oportunidade, estendeu a dele a fim de assassinar o rei de Israel, o que torna mais abominável o gesto do amalequita¹⁸⁰. Na continuação do relato, Davi, sem oferecer qualquer possibilidade de defesa ao acusado, ordena a um dos seus guerreiros que execute o homem. A rápida sucessão de quatro verbos (sendo que o último recupera a raiz presente no primeiro versículo e perfaz a moldura da passagem) no texto original mimetiza o caráter fulminante da condenação e da aplicação da pena¹⁸¹. Em sua declaração final, no versículo 16, o futuro rei enfatiza que o mensageiro fora responsável pela própria morte pois confessara um crime terrível: “O teu sangue seja sobre a tua cabeça¹⁸², porque a tua própria boca testemunhou contra ti, dizendo: Matei o ungido do Senhor”¹⁸³.

A comparação entre Saul e Davi, já delineada no versículo inicial, é aguçada nesses versículos finais. Como já foi dito, a abertura do capítulo traça a distinção no plano do embate coletivo com os amalequitas e o fechamento a

¹⁷⁸ Cf. 1 Sm 24:4-6; 26:7-9.

¹⁷⁹ Curiosamente, embora não tenha matado o rei, Davi também o despojou. Cf. 1 Sm 24:4,5; 26:12.

¹⁸⁰ Além de “ungido do Senhor”, a frase “estender a mão” e o verbo que se refere ao ato de matar (*lāšahēt*) aparecem em falas de Davi nos dois episódios citados. Cf. 1 Sm 24:6 e 26:9. Com relação ao verbo, McCarter supõe que ele se refere especialmente à profanação do corpo do rei. Cf. McCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 60.

¹⁸¹ Cf. 2 Sm 1:15: *gaš pəḡa'-bōw wayyakkēhū wayyāmōt*.

¹⁸² O termo “cabeça” também traça um percurso interessante na história, pois o mensageiro surge com terra sobre a cabeça, afirma ter retirado a coroa da cabeça de Saul e termina com sangue sobre a sua cabeça. Ele, que havia esperado uma recompensa pelo que tomara da cabeça do antigo rei, acaba tendo a sua condenada pelo novo rei. Cf. YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 808.

¹⁸³ Diferentes explicações são propostas para a fórmula “o teu sangue seja sobre a tua cabeça”: seria uma forma de enfatizar a culpa do criminoso e, ao mesmo tempo, proteger o seu executor ou então simbolizaria a passagem do sangue da vítima (no caso, Saul) para o sangue do assassino. Cf. ANDERSON, Arnold A. 2 Samuel. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 9; GALPAZ-FELLER, Prina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 209. A ideia de que o próprio testemunho do homem o condenara é ressaltada pelo fato de que Davi repete o verbo que o mensageiro havia usado durante o relato da morte de Saul.

projeta no plano do embate individual com um amalequita. Há várias similitudes entre a cenas em que Saul interage com o mensageiro e aquela em que Davi faz isso pela segunda vez. Ambas nascem da iniciativa do líder israelita, possuem uma pergunta voltada para a identidade do interlocutor (“Quem és tu?”, “Donde és tu?”), abrigam a revelação de que este é amalequita e comportam uma ordem de execução e o cumprimento dela¹⁸⁴, ou seja, elas são concluídas com a morte de alguém¹⁸⁵. A diferença fundamental é que, enquanto Saul pede que o amalequita o mate, Davi ordena que alguém mate o amalequita. Saul cai, Davi se ergue, eis o sumo da história.

A história, contudo, possui matizes e, a fim de captá-los, é preciso atentar para a comparação entre Davi e o amalequita, aquele que se recusou a matar Saul e aquele que assumiu tê-lo matado. Após eliminar Saul, o mensageiro o desonrou ao arrancar do corpo dele as insígnias e continuou a desonrá-lo ao narrar uma história infame sobre os momentos finais do rei. Com a mão, ele roubou a vida e os adornos reais de Saul. Com a voz, ele roubou a glória. Ao condená-lo à morte, Davi reparou o primeiro dano que ele havia causado a Saul. Ao compor a elegia, Davi repara o segundo dano, resgatando a glória que fora maculada pelo relato de uma morte tão indigna¹⁸⁶. Ao invés de, feito o amalequita, despojar o antigo rei de algo precioso, o novo rei escolhe acrescentar algo precioso a ele¹⁸⁷.

¹⁸⁴ Seguindo o padrão detectado por Gunn, cada fase é constituída por dois verbos.

¹⁸⁵ Mais: são os únicos trechos em que os pronomes “tu” (*’āttāh*) e “eu” (*’ānōkī*) aparecem no texto.

¹⁸⁶ Essa leitura talvez forneça uma interpretação para a estranha posição da *qînāh* no interior do capítulo, afinal ela não aparece durante os rituais de luto, mas só depois da execução – antes de lidar com a honra de Saul, Davi precisava lidar com a morte dele. Uma explicação diferente, segundo a qual os vv. 11-13 forneceram um sumário do dia e depois a narrativa retorna ao ponto anterior, aparece em ACKROYD, Peter R. *The second book of Samuel*. The Cambridge Bible Commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 22.

¹⁸⁷ Green observa que, em 1 Sm 31 e 2 Sm 1, aparecem quatro respostas à morte de Saul, sendo que duas desonram a memória do rei - a profanação dos filisteus e o relato do amalequita - e são contrapostas por duas que buscam honrá-la – o enterro feito pelos enlutados moradores de Jabes-Gileade e o lamento de Davi: “As the first two interpretations of the king’s death struggle over the question of death dishonorable (31.8-10) or honorable (vv. 11-13), so do these next two. Cf. GREEN, Barbara. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 435-437.

Daí emerge o contraste entre as palavras do mensageiro e as palavras de Davi. Enquanto o primeiro conta, o segundo canta¹⁸⁸. Se o conto rebaixa Saul, o canto o exalta. Ademais, o homem só contou a morte de Saul, porém o futuro rei canta Saul, Jônatas e todos os valentes que caíram:

How is the lament (2 Sm. 1:19-27) shaped as an utterance? As suggested, it takes shape with, counterpoints the Amalekite's assertion that Saul died ignominiously by commanding and allowing an ancient foe whom he could not kill to slay him. So, just as the people of Jabesh Gilead contest the reaction of the Philistines to Saul's death and rescue his body from further degradation, David here does a similar thing by taking down from the 'walls of Amalek' the memory and significance of the death of the Saulides. As had been noted already, David does not discredit directly what the Amalekite messenger said but kills him [...]. So David's response to the Amalekite is to reposition the event by talking of it in wholly different terms. David does not so much dispute the former report as rise above it, overlay it. David trumps the Amalekite.¹⁸⁹

Davi afirmou que a boca do amalequita testificara contra ele. É chegado o momento de ouvir o testemunho da boca de Davi – a *qînāh*, filha da noite¹⁹⁰, está prestes a nascer.

¹⁸⁸ Se o relato da morte de Saul é o maior discurso da primeira metade do capítulo, a *qînāh* ocupa a maior extensão na outra metade.

¹⁸⁹ GREEN, Barbara. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 440-441.

¹⁹⁰ Davi e seus homens "...choraram e jejuaram até à tarde" (v. 12), portanto, as cenas da execução do mensageiro e da composição da elegia se desenrolam sob o abrigo das sombras.

Capítulo 3

Como Caíram os Valentes

“E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.”
Camões

O leito onde fluem as narrativas bíblicas é, ocasionalmente, atravessado por correntezas poéticas – a voz do narrador pausa o conto e um canto pausa na voz de um personagem:

Here and there in the major prose narratives of the Bible a poem appears. In most cases the subject of the poem is generally appropriated to the context; often the poem is explicitly attributed to a major figure in the story.¹⁹¹

Tal modulação do relato para o poema, da frase para o verso, possui um significado para a composição da história? Ela afeta a percepção da audiência acerca dos episódios narrados? Josipovici acena com uma resposta afirmativa e propõe que essas irrupções poéticas em terreno prosaico ampliam o impacto que as narrativas exercem sobre quem as segue, pois a incorporação do canto dá uma nova estatura ao conto:

¹⁹¹ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 78.

We are led to the point of utterance, the narrative pauses, and the main character or a chorus sings, recapitulating what has happened and exploring its implications. When they have finished the action picks up again, perhaps at the point where it left off - but we have travelled a long way in the meantime and our perspective is now radically altered.¹⁹²

Portanto, ao soar após a morte de Saul, o lamento, qual o último acorde da sinfonia, fornece uma síntese que permite avaliar a dimensão da tragédia em que desemboca a história do primeiro monarca de Israel¹⁹³. Se a *qînāh* é uma chama acesa pelos eventos que a precedem, eles, por sua vez, são iluminados pelos versos que a compõem. Para ilustrar essa potência transfiguradora da palavra poética, basta observar o percurso de uma raiz verbal decisiva no solo de 2 Sm 1 – *npl* (“cair”), que aparece quatro vezes ao longo da narrativa: o mensageiro se aproximou de Davi e caiu sobre a terra (*wayyipōl*)¹⁹⁴; ele contou que muitos dos povo caíram (*nāpāl*); afirmou saber que Saul não viveria depois de ter caído (*nīplōw*); Davi e seus homens lamentaram por todos que tinham caído à espada (*nāpālū*). No entanto, ela só vai repercutir poderosamente quando vibrar na voz que exclama três vezes “como caíram os valentes” (*’ēk nāpālū gibbōrīm*)¹⁹⁵. Pulsando no refrão do lamento, a raiz ganha o vigor necessário para ecoar essa queda retumbante e imprimir sua marca nos ouvidos tocados pelos versos. Além disso, ao constatar expressividade de que o verbo “cair” é dotado na *qînāh*, pode-se voltar ao trecho em prosa e recolher ali aquelas pistas verbais que anunciavam tamanha queda. Animada pelo ritmo do canto, a história ressoa com mais força.

¹⁹² JOSIPOVICI, Gabriel. *The Book of God: A Response to the Bible*. New Haven: Yale University Press, 1988, p. 157. In: GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 59.

¹⁹³ Como afirma Garcia-Treto, na introdução do canto, “...there is a deliberate authorial decision to stop the action in order to induce reflection on some dimension of depth - ideological or psychological, for example - before proceeding with the story”. Cf. *Ibidem*, p. 60.

¹⁹⁴ O que pode ser lido como uma sutil antecipação do seu destino sinistro.

¹⁹⁵ Cf. 2 Sm 1: 2, 4, 10, 12, 19, 25 e 27.

Quando o fluxo narrativo deságua numa composição poética, McCarter nota que esta não somente guarda uma relação com os eventos registrados no texto em que ela vem à tona, mas também a sua autoria é conferida a um dos personagens da trama. O comentarista acrescenta que uma leitura atenta dos versos pode revelar que essa atribuição é questionável, como sucede no caso do cântico de Ana, cuja menção ao rei no desfecho sugere que o texto é fruto de uma época posterior. Quando investiga a autoria da *qînāh*, entretanto, ele acredita que a autoria realmente pertence a Davi, pois a matéria do poema possui estreita vinculação ao seu ambiente textual e seria difícil crer que alguém cultivaria uma elegia em homenagem a Saul e Jônatas muito tempo depois da morte deles. Também argumenta que o filho de Jessé era reconhecido pelas suas habilidades musicais e que o emotivo tom dos versos dedicados a Jônatas não caberia em outra voz¹⁹⁶.

Mesmo eruditos mais inclinados a desconfiar do texto bíblico admitem como Davi como autor do lamento. Smith, por exemplo, que é tão identificado com a tendência de mapear a história da composição do texto, elege duas razões para atribuir a referida passagem ao futuro rei de Israel: a ausência de referências religiosas e de qualquer alusão à tumultuada relação com Saul. Afinal, se a tradição consagrou a voz de Davi como a nascente de tantos salmos, quem ousaria compor em seu nome um poema no qual sequer aparece o nome divino? E, considerando os desdobramentos da história de Israel, na qual Davi se torna o símbolo do grande soberano, um autor tardio provavelmente faria menção aos conflitos com aquele que o antecederia¹⁹⁷. Embora, como advertiu Budde, a questão da autoria não possa ser definitivamente afirmada ou negada¹⁹⁸, é permitido dizer que “there is a general consensus of opinion that this lament is truly Davidic in origin”¹⁹⁹.

¹⁹⁶ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 78.

¹⁹⁷ SMITH, Henry P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992, p. 258.

¹⁹⁸ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14.

¹⁹⁹ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 96-97.

Ao examinar a *qînāh*, os estudiosos vislumbraram diversas estruturas no conjunto dos seus versos. Uma divisão ressaltada por Eisenholtz é a que existe entre as seções pública e privada do lamento, sendo que, na primeira (v. 19-25a e 27), eloquente e composta em 3º pessoa, Davi deplora a queda dos valentes e saúda o seu valor, ao passo que, na segunda (v. 25b-26), colorida por um tom afetivo e modulada em 1º pessoa, ele chora a morte do amigo Jônatas. No discurso oficial, ele se dirige a Israel e emprega uma série de imagens ligadas à temática marcial, enquanto, no discurso particular, ele se dirige a Jônatas e colhe suas palavras no repertório sentimental. No edifício do poema, tal distinção é marcada pelo refrão intermediário (v. 25), que é o epílogo da fala do líder e o prefácio da fala do homem²⁰⁰. Entretanto, como se verá, embora seja importante reconhecer a sua interação no jorro da voz poética, os registros épico e lírico não são correntes separadas de forma tão esquemática no lamento.

O arranjo proposto por O'Connor, que é seguido por Zapf, apresenta a abertura e o fechamento da *qînāh* (v. 19 e 27, um *bicolon* em cada extremidade), onde cintila o refrão, como a moldura da composição, no interior da qual se localizam quatro estrofes, sendo que as duas iniciais (v. 20-21 e 22-23) possuem tamanho equivalente (dois *bicola* em cada) e as duas seguintes (v. 24-25 e 26) possuem tamanha complementar (a primeira é formada por *tricola* + *bicola* e a segunda por *bicola* + *tricola*)²⁰¹. Do ponto de vista temático, a estrofe inaugural trata dos filisteus e de Gilboa, os responsáveis e o local da derrota; a próxima trata de Saul e Jônatas, destacando a grandeza dos derrotados; as posteriores tratam de maneira individual Saul e depois seu filho. Tal sequência fornece um roteiro à leitura e estabelece algumas coordenadas para o exercício comparativo entre as divisões do poema.

²⁰⁰ EISENHOLTZ, Eve. The Nature of Kinat David: Public or Private?. *Jewish Biblical Quarterly*, Vol. 31, No. 2, (Abril-Junho, 2003), p. 1-5. Uma versão mais elaborada dessa divisão aparece em AMZALLAG, Nissim e AVRIEL, Michal. Complex Antiphony in David's Lament and Its Literary Significance. *Vetus Testamentum* 60 (2010), p. 1-14.

²⁰¹ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 111-115.

Shea vislumbra um desenho quiasmático na arquitetura do lamento, cujas sete unidades poéticas vão se ampliando até o centro (v. 20-23: *bicolon*, dois *bicola*, um *tricola* + um *bicola*, dois *tricola*) e partir daí vão decrescendo até a conclusão (v. 24-27: um *tricola* + um *bicola*, dois *bicola*, um *bicolon*), de modo que as três primeiras espelham as três últimas e a central permanece distinta, pois é a mais longa e não possui correspondente²⁰². Fokkelman também divide o texto em sete estrofes e as distribui ao longo de três seções, o que demonstra a singularidade da porção intermediária (v. 22-23), justamente aquela devotada a recapitular as proezas de outrora²⁰³. Esse esquema traduz a progressão das ideias no desenrolar da *qînāh*, que parte da desolação presente, passa pela celebração do passado e retorna à desolação. Pode-se lembrar que a alternância entre os tempos – os malogros atuais emparelhados com os milagres antigos – é uma característica do gênero.

Além de considerar a disposição dos elementos que configuram o edifício formal do poema, os autores citados apontaram, no interior das estrofes e no encadeamento delas, uma série de construções sintáticas e costuras semânticas, as quais enriquecem a leitura e serão incorporadas durante a análise verso a verso que ocupará as próximas páginas. Antes de iniciá-la, no entanto, é preciso fazer uma ressalva. Devido a dificuldades para compreender certas passagens do texto massorético de 2 Sm 1:17-27, muitos comentaristas se dedicaram a reconstruir, a partir do texto preservado, uma hipotética versão original do lamento de Davi²⁰⁴. Como a possibilidade de julgar a validade e o

²⁰² SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013.

²⁰³ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 5-12.

²⁰⁴ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 100. Três exemplares desse empenho: KENNEDY, James. David's Lament over Saul and Jonathan: II Sam. 1: 19-27. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. 32, No. 2 (Jan., 1916), pp. 118-125. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/528342>>. Acesso em: 12/03/2013; GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 72-96; HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013.

sucesso de tais projetos²⁰⁵ reside além do alcance deste trabalho, eles não serão levados em conta no desenvolvimento da análise exceto quando contribuírem para o entendimento do texto abrigado na Bíblia Hebraica.

Na última intervenção do narrador em 2 Sm 1 (v. 17 e 18), ele provê um conjunto de informações relacionadas à gênese do lamento, revelando, nas palavras de Fokkelman, “a surprising amount about subject, genre, aim, target group, and source of the painful message”²⁰⁶:

Pranteou Davi a Saul e a Jônatas, seu filho, com esta lamentação,

determinando que fosse ensinado aos filhos de Judá o Hino ao Arco, o qual está escrito no Livro dos Justos.

wayqōnēn dāwid ‘eṭ- haqqīnāh hazzōṭ ‘al- šā’ul wə‘al yəhōwnāṭān bənōw

wayyōmer ləlammēd bənē yəhūdāh qāšeṭ hinnēh kəṭūbāh ‘al- sēper hayyāšār

Na abertura do versículo, o nome de Davi aparece rodeado pelas duas formas da raiz de *qīnāh*, a primeira verbal²⁰⁷ e a segunda nominal²⁰⁸, o que acentua a condição enlutada do personagem e cria uma atmosfera para o lamento. Já houve uma cena de luto na narrativa, com a qual esta introdução guarda semelhanças como a referência a “Saul e Jônatas, seu filho” e o fato de gestos de pesar partirem do líder e se estenderem àqueles que o cercam²⁰⁹, entretanto uma diferença importante deve ser apontada: antes Davi e seus

²⁰⁵ Em seu ensaio, Zapf avalia uma coleção de emendas propostas à passagem bíblica. Cf. ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 100-104.

²⁰⁶ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 5-6.

²⁰⁷ Essa forma verbal também introduz as outras *qīnōṭ* mencionadas nos livros históricos da Bíblia Hebraica: 2 Sm 3:33 e 2 Cr 35:25.

²⁰⁸ A repetição foi preservada na King James Version: “And David lamented with this lamentation”. Disponível em <http://biblehub.com/kjvs/2_samuel/1.htm>. Acesso em 23/09/2014. Gervitz traduziu assim: “And David keened this keening”. Cf. GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 73.

²⁰⁹ Cf. 2 Sm 1:12, a única passagem em que figura a mesma forma verbal do refrão (*nāpālū*).

homens reagiram de modo espontâneo, ainda que codificado em costumes, às notícias trágicas e agora o futuro rei elabora uma resposta poética, delineada segundo as convenções de um gênero tradicional²¹⁰ – o que era choro vira canto. Saul e Jônatas são destacados como o tema do lamento e isso vai se refletir nas quatro vezes em que seus nomes surgem gravados nos versos. Os laços que atam pai e filho, enfatizados ao longo do capítulo, serão contemplados na seção central do poema.

O início de 2 Sm 1:18, no qual se lê literalmente “And he said to teach the sons of Judah the bow”²¹¹, oferece um desafio aos intérpretes, que tentam compreender o sentido da palavra “arco” na frase²¹². Para alguns sábios de Israel, a orientação estava relacionada à necessidade de que, após tamanha derrota para os filisteus, os jovens israelitas aprendessem a manejar o arco e se empenhassem nas artes bélicas²¹³. Outros veem a passagem como uma espécie de inscrição similar àquelas que introduzem vários salmos²¹⁴, e tratam “arco” como o título do poema, já que a arma, associada à Jônatas, é citada num dos versos²¹⁵. Existe ainda quem, baseado no fato de o termo não figurar no texto da Septuaginta, veja o termo como um acréscimo indevido e o ignore²¹⁶.

Qualquer que seja a explicação correta, o dado mais relevante no versículo é a instrução que ele abriga. Embora a *qînāh* fosse um gênero pessoal,

²¹⁰ GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 72.

²¹¹ BALDWIN, Joyce G. *1 and 2 Samuel: an introduction and commentary*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1988, p. 178.

²¹² Para alguns comentaristas, as dificuldades para entender o versículo são uma evidência de que ele está corrompido. Na tentativa de emendá-lo, eles o consideram como a abertura do lamento. Cf. GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 73-76. SMITH, Henry P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992, p. 259 e 260.

²¹³ Ibidem, p. 259.

²¹⁴ SEGAL, M. H. Studies in the Books of Samuel: I. David's Three Poems. *The Jewish Quarterly Review*, New Series, Vol. 5, No. 2 (Oct., 1914), p. 201-231. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1451437>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 207.

²¹⁵ ZAPF, D. L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 116-117.

²¹⁶ McCARTER, P. K. *1 Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v.8. New York: Doubleday, 1980, p. 67. Outra opção é alterar a vocalização para transformá-lo num termo que tenha o sentido de “duro, difícil”, daí a versão “to teach hard things”. Cf. ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 198.

esse exemplar ganha uma dimensão pública porque, além de ser dedicado a figuras ilustres, ele deveria ser ensinado aos filhos de Judá. As palavras de Davi iriam ecoar na voz do seu povo, tornando-se um contraponto ao relato do amalequita e às celebrações dos filisteus. A determinação para que a obra fosse ensinada aos filhos de Judá sinaliza que o lamento não somente condensava a tristeza de Davi como atendia ao desejo de eliminar qualquer resquício de inimizade entre os habitantes de Judá, conterrâneos do filho de Jessé, e a casa de Saul, popular no território do norte²¹⁷, colaborando assim na promoção de uma harmonia decisiva para o próximo soberano. Aquele que está prestes a ascender faz reverência ao que caiu e assume o papel de condutor no ritual de luto por ele. O fato de o lamento ter sido acolhido no “Livro dos Justos”²¹⁸ – o qual, se acredita, foi uma coleção de importantes poemas da história israelita²¹⁹ – revela o seu prestígio e sugere que ele se transformou num testamento poético digno para Saul e Jônatas.

A tua glória, ó Israel, foi morta sobre os teus altos! Como caíram os valentes!

haššəḇî yiśrā'el 'al- bāmōwteḵā ḥālāl 'ēḵ nāḫēlū gibbōrîm

O espanto diante da tragédia domina o verso que inaugura a *qînāh*. O sujeito lírico desfecha um brado na direção dos ouvidos de Israel, pois sua voz não pode mais permanecer adormecida no silêncio. A primeira palavra (*haššəḇî*) possui o sentido literal de “gazela” e o figurativo de “glória, beleza”. Zapf defende que a ambiguidade seja preservada já que o animal silvestre representa bem as qualidades listadas e não seria inapropriado associá-lo aos guerreiros²²⁰. Já

²¹⁷ McCARTER, Peter K. *I Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v.8. New York: Doubleday, 1980, p. 77.

²¹⁸ Uma informação que parece ser uma típica nota editorial inserida no texto. Outro exemplo: 1 Sm 9:9.

²¹⁹ Também citado em Js 10:12-13 e, somente na Septuaginta, em I Rs 8:53. Cf. *Ibidem*, p. 74.

²²⁰ Um exemplo aparece em 2 Sm 2:18. Smith contesta a coerência dessa associação. Cf. SMITH, Henry P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992, p. 260-261. Na poesia amorosa, o animal é citado por causa da agilidade

Motsan propõe seja adotada uma leitura denotativa, pois o uso conotativo do termo só aparece na literatura posterior²²¹. Também é difícil determinar quem estaria oculto sob a metáfora da gazela morta nos altos de Israel: Saul, Jônatas ou ambos? Novamente, valeria mais abraçar as múltiplas possibilidades de leitura que o texto oferece em vez de perseguir uma resposta definitiva²²². Considerando a impossibilidade de reconhecer quem é aludido nessa imagem, Fokkelman aponta que o lamento principia com um enigma cuja solução será adiada até os versos finais²²³.

“Nos teus altos” (*bāmōwṭekā*) é uma expressão igualmente dúbia visto que poderia indicar tanto um lugar elevado quanto um local de culto²²⁴, inclusive aqueles onde era praticada a idolatria, os quais foram condenados pelos profetas e integraram a lista de causas para o exílio. Embora seja acertado interpretá-la como uma referência ao terreno da batalha em que tombaram os heróis, não se deve apagar completamente a alusão religiosa por duas razões: há outros termos no poema que pertencem simultaneamente à esfera secular e à sagrada e, mais importante, ela insinua o paralelo entre o sombrio destino do primeiro rei de Israel, que aliás foi ungido num alto, e o de todo o projeto monárquico²²⁵.

Essa noção de verticalidade presente na primeira parte do verso reforça o tamanho da queda proclamada a seguir. O uso do “como” (*’êk*) expressa o

com que se movia sobre os montes (Ct 2:17; 8:14). O lamento apresenta *haššebî* que, em vez de escapar pelos montes, está morta sobre eles.

²²¹ Além disso, o estudioso aponta que a imagem do animal, que é presa em vez de predador, não implica um elogio a Saul, mas uma forma de sublinhar a vergonha trazida por sua queda. Ele entende o verso inicial como uma interrogação que condensa o espanto diante da tragédia que abateu Israel (algo como “Será Israel um cervo morto nas colinas?”) e, ao mesmo tempo, pavimentação o caminho para a ascensão de Davi. Essa leitura põe em relevo o substrato político do lamento. Cf. ROZENCHAN, Nancy. Releitura do lamento de David e sua tradução [II Samuel 1, 17-27]. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n. 11, 2013, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/83522/86470>>. Acesso em: 07/01/2015.

²²² ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 105-107.

²²³ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 7.

²²⁴ YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 811.

²²⁵ GREEN, Barbara. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 441.

assombro gerado pelo acontecimento e, tal qual se afirmou, caracteriza o gênero. “Caíram” (*nāp̄əlū*) assim como “valentes” (*gibbōrīm*)²²⁶ são palavras-chave na composição. Soando no princípio e no fim e assim forjando uma *inclusio*²²⁷, o refrão não cumpre somente a função de estruturar o lamento, mas também encarna em sua recorrência o compasso de uma dor que, indomada, continua a irromper²²⁸. O desenho sintático do v. 19 é quiasmático, apresentando sujeito + verbo seguido de verbo + sujeito²²⁹. Tal arranjo aproxima os substantivos “a gazela” e “valentes”, que ocupam as extremidades opostas dos versos e exercem o mesmo papel nas respectivas orações. Isso permite entrever uma estratégia significativa do poema, através da qual o sujeito lírico canta dois conjuntos de qualidades dos homenageados: a graça e a bravura, o encanto e a virilidade. Saul e Jônatas, qual o próprio Davi ao longo da história da ascensão, são retratados ao longo da *qînāh* como valentes e benevolentes embora os traços líricos estejam mais acentuados na figura do príncipe. Outro efeito dessa configuração é relacionar “foi morto” e “valentes”, que aparecem no fim de cada verso, assinalando o contraste que divide a sua condição atual e a anterior²³⁰. Importa ressaltar ainda que, nessa abertura, eles não foram nomeados e as circunstâncias que envolvem sua queda permanecem nebulosas – a voz poética cumprirá um roteiro antes de alcançá-los.

²²⁶ A raiz do termo carrega a ideia de “ser forte, poderoso”, “prevalecer” e dela procede o título *gəbīrāh* (“rainha-mãe”).

²²⁷ “This device... occurs frequently in Hebrew poetry, with the same or similar expressions, from a word to a sentence, used to open and close a composition.” Cf. FREEDMAN, David N. The Refrain in David's Lament over Saul and Jonathan. In: BLEEKER, C. J., BRANDON, S. G., SIMON, M (eds.). *Ex Orbe Religionum: Studia Geo Widengren*. Studies in the History of Religions/Supplements to Numen 21. Leiden: Brill, 1972, p. 115-26, p. 115.

²²⁸ BALDWIN, Joyce G. *1 and 2 Samuel: an introduction and commentary*. Leicester: InterVarsity Press, 1988, 179.

²²⁹ SHEA, W. H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 15.

²³⁰ Holladay sugere que existe aí um jogo de palavras irônico no qual o par esperado, que seria *gibbōr hayil* (“guerreiro valente”, 2 Sm 17:10, Is 5:22, Jr 48:14), foi subvertido e virou *gibbōr ḥālāl*. Cf. HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 166-167. Além disso, *ḥālāl* ganha o sentido de “profanado, desonrado” na forma adjetiva (Lv 21:7; Ez 20:30,34), o qual também se aplica à cena descrita e será explorado na referência ao escudo (v. 21).

Não o noticieis em Gate, nem o publiqueis nas ruas de Asquelom, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, nem saltem de contentamento as filhas dos incircuncisos.

Montes de Gilboa, não caia sobre vós nem orvalho, nem chuva, nem haja aí campos que produzam ofertas, pois neles foi profanado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, que jamais será ungido com óleo.

'al- *taggîdū* *bəḡaṭ* 'al- *təbaššerū* *bəḥūšōt* 'ašqəlōwn *pen-tiśmaḥnāh* *bənōwṭ* *pəlišṭīm* *pen- ta'ālōzenāh* *bənōwṭ* *hā'ārēlīm*

hārē *baḡgilbōa'* 'al- *ṭāl* *wə'al-* *māṭār* 'ālēkem *ūsəḡdē* *tərūmōt* *kî-šām* *niḡ'al* *māḡên* *gibbōrīm* *māḡên* *šā'ul* *bəlī* *māšîaḥ* *baššāmen*

A primeira seção do lamento é marcada por quatro proibições lançadas pelo sujeito lírico (todas introduzidas por 'al) às quais são acrescidas dos motivos que as justificam. Há um movimento retrospectivo da voz poética que vai até a região dos filisteus, onde vislumbra a exultante repercussão das notícias da derrota, e depois volta ao solo em que ela ocorreu. Antes de cantar a dor do seu povo, ele tenta calar a alegria dos seus inimigos. Graças às posições que ocupavam no mapa, Gate e Asquelom delimitavam todo o território filisteu²³¹. As raízes verbais ligadas à ideia de divulgação (*taggîdū* e *təbaššerū*²³²) são as mesmas que Davi, mais tarde, emprega para se referir ao mensageiro amalequita em 2 Sm 4:10²³³, o que destaca a conexão entre esse verso e o empenho para apagar o desonroso relato daquele mensageiro. Conquanto as duas sentenças iniciais estejam em paralelo, a menção às ruas de Asquelom na segunda parte insinua uma ampliação desse impulso para barrar a progressão das novas. Aliás, o arranjo sintático da estrofe, no qual as orações principais

²³¹ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 112-113.

²³² Sendo que o primeiro, unido à *bəḡaṭ*, consiste num exemplo de aliteração e o segundo carrega frequentemente o sentido de “trazer boas novas”. Cf. YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary*, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 812.

²³³ GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 82. Ao longo do capítulo, o autor cita diversas passagens bíblicas que também exibem os pares de palavras emparelhadas no poema

(ligadas ao ato de contar) e as subordinadas (ligadas ao ato de comemorar) estão apartadas, mimetiza a pretensão do sujeito lírico de cortar a transferência de informações e assim impedir as festividades.

O papel das mulheres como aquelas que celebravam os triunfos militares no retorno dos combatentes e eram beneficiadas pelos despojos trazidos por eles parecia ser uma tradição no Antigo Oriente Médio. A narrativa de Samuel preserva um exemplo disso quando mostra a festa das “mulheres de todas as cidades de Israel... cantando e dançando” para saudar Saul e Davi, que regressavam de uma bem-sucedida campanha contra os filisteus²³⁴. Agora o próprio Davi almeja impedir que a cena se repita em chave irônica - as filhas dos filisteus festejando a vitória sobre Saul e os israelitas. Embora seja vão, o gesto ilustra o quão terrível é para ele a possibilidade de que a morte dos valentes faça brotar qualquer manifestação de júbilo.

Na passagem seguinte, a voz poética se dirige aos montes de Gilboa, o lugar da calamitosa batalha, e os condena à infertilidade – no solo onde os valentes caíram, nada deve se erguer²³⁵. O anúncio de que não haveria orvalho nem chuva também aparece em 1 Rs 17:1, quando Elias profetiza uma maldição sobre a terra de Israel. O contexto mostra, portanto, que, se algo abominável ocorreu em determinado espaço, ele poderia permanecer maculado por isso²³⁶. A ausência de verbos confere mais força à proclamação ao deixá-la compacta e, quando nem sequer menciona alguma ação, o poeta alude ao fenecimento de toda vida ali²³⁷. A enigmática expressão *ūśəḏê tərūmōt*, que aparece na

²³⁴ Cf. I Sm 18:6-7. GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 15.

²³⁵ Se esses montes despertam o pranto, em Is 49:13, há uma visão dos montes se alegrando: “e vós, montes, rompei em cânticos”. A semelhança na sonoridade dos vocábulos *gilbōa’* e *gibbōrīm* entrelaça os valentes e o lugar do seu fatídico destino.

²³⁶ YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor’s Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 813. Os assassinatos manchavam a terra e talvez, nesta passagem, Davi esteja equiparando a morte de Saul e Jônatas em combate a um ato tão horrível quanto um homicídio. Cf. ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 118-119.

²³⁷ Fokkelman entende esse lapso como reflexo da ira que convulsiona o poeta. Cf. FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 8.

conclusão do trecho inicial, tem suscitado diversas interpretações: das mais prováveis “campos elevados” e “campos que produzem ofertas” até “campos de engano”, “campos de morte” e, seguindo uma emenda proposta por Ginsberg e baseada num paralelo colhido num texto da literatura ugarítica, “fontes das profundezas” (“upsurgings of the deep”)²³⁸. De todo modo, ela seria uma segunda referência aos montes de Gilboa, alvo do vitupério, ou uma referência a outra fonte de água, vinda do subsolo, que não mais deveria nutrir aquela extensão de terra.

O motivo da condenação é oferecido na sequência da passagem: lá foi profanado o escudo dos valentes, notadamente o escudo de Saul. Ao percorrer o campo de batalha, a voz poética começa a se aproximar daqueles cuja morte inspirou a elegia, mas, antes de chegar ao nome “Saul”, ela passa por “valentes” e ainda não se refere diretamente a ele, tratando-o sob a metonímia do escudo²³⁹. Os termos ligados às ideias de profanação (*niḡ‘al*) e unção (*māšīaḥ*) – os quais, na estrutura dos versos, ocupam as extremidades e envolvem os escudos dos valentes e de Saul²⁴⁰ – possuem conotação secular e religiosa²⁴¹. A leitura no primeiro sentido vê o escudo, o qual metonimicamente substitui o corpo do rei, abandonado, sujo de sangue e pondera que ele não mais será limpo ou preparado com óleo para um novo combate²⁴². Já a segunda leitura assinala

²³⁸ McCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 69-71. A raiz de *ṭarūmōt* está ligada a ofertas e culto, o que permite a leitura de que nada aceitável floresceria naquele solo profanado pelo corpo dos valentes. É mais um elo no sutil encadeamento de termos com conotação religiosa ao longo do poema. Cf. ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 108.

²³⁹ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 119.

²⁴⁰ Shea notou o quiasmo sintático no *bicola* e o fato de ele ser intensificado pelas aliterações (sons de *š* e *m* nas extremidades e de *g* e *m* no centro). Cf. SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 16. O texto espelha o destino dos valentes, que ficam presos entre a profanação e a impossibilidade de unção.

²⁴¹ McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 76; MILLARD, A. R. Saul's Shield Not Anointed with Oil. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, No. 230 (Apr., 1978), p. 70. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356616>>. Acesso em: 12/06/2013.

²⁴² DRIVER, Samuel R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel*. Oxford: Clarendon Press, 1913, p. 237.

o fracasso da história de Saul, que foi profanado e não é mais o ungido do Senhor²⁴³.

Segundo Fokkelman, em cada uma das estrofes que compõem esta primeira seção do poema, Davi intenta realizar algo sobre-humano: conter o fluxo das notícias sobre a derrota e o das fontes de água que alimentam os montes de Gilboa. Existe ainda uma gradação entre as proibições, pois, enquanto as iniciais estão limitadas ao âmbito social, as seguintes transbordam para o âmbito natural. A voz poética passa da tentativa de regular a comunidade para a de reger o cosmos. Aposta que o evento do discurso possa subverter o curso dos eventos. Tal onipotência da linguagem poética seria um reflexo da impotência do poeta perante a realidade:

He feels so powerless in the face of this catastrophe that he deploys all the power tools in the language he must work with as a poet, in order to turn back the clock. In this way, great poetic expressivity becomes the mask and the sign of complete impotence²⁴⁴.

Pode-se apontar também que as duas estrofes refletem a desolação que gera o lamento graças ao emprego de recursos expressivos como o acúmulo de partículas de negação (*'al, pen, bəlî*) e ao panorama de escassez que elas projetam – a estiagem de palavras e festejos, o silenciamento de águas e germinação. O peso da negatividade e do vazio que sucedem à tragédia poussa sobre os versos. De lábios anoitecidos, a voz nasce coberta de sombras.

Sem sangue dos feridos, sem gordura dos valentes, nunca se recolheu o arco de Jônatas, nem voltou vazia a espada de Saul.

²⁴³ ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 199; FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 9.

²⁴⁴ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 7-8.

Saul e Jônatas, queridos e amáveis, tanto na vida como na morte não se separaram! Eram mais ligeiros do que as águias, mais fortes do que os leões.

*middam ḥālālīm mēḥēleb gibbōrīm qešet yəhōwnātān lō nāsōwḡ
'āḥōwr wəḥereḇ šā'ul lō tāšūḇ rēqām*

*šā'ul wihōwnātān hanne'ēhāḇīm wəhannē'imim bəḥayyēhem
ūḇemōwtām lō nīḫrādū minnəšārīm qallū mē'ārāyōwt ḡāḇerū*

Na seção central do lamento, a voz poética faz um movimento rumo ao passado, abandonando a devastação do presente e recapitulando as glórias de outrora. Como diz Fokkelman, essas estrofes formam “a eulogy that forms the center of an elegy”, por isso o poeta substitui “the minor key of the complaint for the major key of a song of praise”²⁴⁵. Entre os elementos que as unem, é possível citar: a presença dos nomes de Saul e Jônatas, os pares da preposição *min* no primeiro e último versos, a identificação da raiz de *gibbōrīm* no início e no fim da unidade²⁴⁶. Ao mencionar os montes de Gilboa, o sujeito lírico havia contemplado lá o escudo, uma arma defensiva, tornado inútil. Na passagem para o verso seguinte, ele continua no cenário de combate, mas agora celebra o arco e a espada, duas armas ofensivas, em pleno vigor²⁴⁷. O uso duplicado de uma preposição de origem (“do sangue... da gordura”) mostra que ele parte dos inimigos, porém dessa vez eles estão na posição dos golpeados. O contraste que distingue a primeira e a segunda seção é acentuado pela repetição das raízes de *ḥālālīm* e *gibbōrīm*, que figuram no verso inicial, com a mudança do referente, pois agora, ao invés de caracterizar o rei e seu filho, elas descrevem

²⁴⁵ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 8.

²⁴⁶ Ibidem, p. 8-9; SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), p. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 16-18. Holladay ainda observa que é o único trecho em que aparece a partícula *lō* (“não”). Cf. HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 179.

²⁴⁷ ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 200.

seus adversários. Saul e Jônatas não são os valentes que caíram; são os que faziam cair os valentes²⁴⁸.

Os termos “sangue” e “gordura” pertencem ao vocabulário do sistema de sacrifício por isso sugerem que as proezas daqueles líderes no campo de batalha poderiam ser vistas como ofertas a Deus, a quem são consagradas as vitórias militares na Bíblia Hebraica²⁴⁹. Revertendo a noção de escassez que habita os versos precedentes, apresenta-se fartura para as armas dos heróis, as quais não recuavam ou voltavam vazias, mas sempre se saciavam com a força vital dos inimigos²⁵⁰. O desenho sintático da passagem – duas frases sem verbo seguidas de duas orações²⁵¹ – reproduz a divisão entre os oponentes vencidos e sem ação na primeira parte e os triunfantes e ativos instrumentos bélicos dos comandantes de Israel na segunda.

Ao passar do escudo abandonado para o arco e a espada formidáveis, o sujeito lírico continuou empregando a metonímia para falar dos personagens que são o tema do lamento²⁵². Na estrofe do v. 23, após recordar os feitos daqueles valentes, enfim ele pode falar diretamente sobre eles. A disposição dos seus nomes nos dois versos inclusive desenha um quiasmo (“Jônatas + Saul + Saul + Jônatas”), o que não apenas reforça a unidade da seção, mas também

²⁴⁸ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 9. Holladay ainda nota a presença da consoante *h* em cada uma das quatro linhas, enlaçando os termos “feridos”, “gordura”, “parte posterior” e “espada”, numa sequência que reflete o embate descrito na estrofe. Cf. HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 178.

²⁴⁹ GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 88. Tal ideia funcionaria como mais um contraponto entre essas vítimas e a gazela morta nos altos descrita na abertura do lamento.

²⁵⁰ No pensamento bíblico, há uma poderosa associação entre sangue e vida (Lv 17:11); já a gordura era vista como a sede da força e energia. Cf. McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 76. Essa imagem de arco e espada devoradores aparece em outros textos poéticos da Bíblia Hebraica. Cf. DRIVER, Samuel R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel*. Oxford: Clarendon Press, 1913, p. 237.

²⁵¹ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 113.

²⁵² Fokkelman comenta: “This form of indirectness again betrays the poet's emotional condition: he is still intent upon avoidance”. Cf. FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 9.

desempenha uma função estrutural, pois se localiza no meio do poema²⁵³, acentuando a primazia que essas figuras notáveis possuem na *qînāh*. Vale notar que o único verso em que os nomes de pai e filho estão juntos é exatamente aquele no qual se afirma que eles nunca se separaram – mais uma vez, há o casamento entre a ideia e a forma eleita para expressá-la. Aliás, Shea, comentando sobre o referido quiasmo, sugere que o esperado seria apresentar os membros do par ligados e então dividi-los, logo, ao inverter a ordem, o poeta coloca o rei e seu filho lado a lado quando proclama o fato de eles terem permanecido unidos até o derradeiro momento de sua trajetória²⁵⁴.

Saul e Jônatas são os únicos sujeitos na passagem e a eles são adicionados todos os predicados. Tendo cantado as façanhas desses heróis nas pelejas, a voz poética exalta seus atributos sociais, acrescentado que, além de valorosos, eles eram valiosos, tanto que mereciam os adjetivos “amáveis e agradáveis” (*hanne’ēhābîm wəhannē’îmim*). Exibiam, como anuncia o primeiro refrão, a audácia dos *gibbōrîm* e a graça do *ṣəbî*. Não eram apenas temidos, mas estimados. Tal qual sugere a estrutura do texto – onde seus nomes aparecem no princípio e, somente depois das qualificações e da referência a sua vida e morte²⁵⁵, surge o verbo – Davi costura a história deles utilizando o fio da lealdade²⁵⁶. Enquanto no início da estrofe anterior, era celebrada a superioridade de Saul e Jônatas, representados por suas armas, em relação aos seus antagonistas no campo de batalha, no fim dessa estrofe, é celebrada a

²⁵³ SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 17.

²⁵⁴ SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 16-17.

²⁵⁵ A construção “na sua vida e na sua morte” seria um exemplo de merisma, figura definida como a expressão de uma totalidade a partir da menção dos elementos que estão nas suas extremidades. Cf. NUNES JR., Edson M. Uma introdução geral à poesia hebraica bíblica. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 120. Por meio dela, o poeta condensa toda a trajetória dos heróis.

²⁵⁶ Ainda que passagens da narrativa, como 1 Sm 20, mostrem conflitos na relação entre pai e filho, é mais significativo o fato de que Jônatas lutou e morreu ao lado de Saul, mostrando que ele continuou fiel ao seu progenitor. Cf. GREEN, B. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 442. A afinidade sonora dos adjetivos reforça o efeito de união projetado na passagem.

superioridade deles em relação às águias e aos leões no campo da agilidade e da força, as duas qualidades mais valorizadas nos heróis antigos²⁵⁷. Além de ocuparem posições correspondentes na seção, os dois trechos ostentam pares de sentenças começadas pela preposição *min* e abrigam a raiz de *gibbōrīm*. Assim, o elogio no meio da elegia começa e termina com o louvor aos valentes, ressaltando suas virtudes para o combate.

Sobre essas duas estrofes dedicadas a Saul e Jônatas, é importante observar que, graças ao paralelismo, há uma série de elementos pareados: sangue e gordura, feridos e valentes, arco e espada, amáveis e agradáveis, vida e morte, águias e leões. Não seria tal duplicação um modo sutil de homenagear, justamente nos versos em que eles são cantados juntos, o par cuja queda gera o poema? Apenas o predicado “não se separaram” (*lō nīpṛāḏū*) fica isolado, trazendo unidade ao conjunto. Logo, a arquitetura verbal repercute o tema, isto é, a união entre o pai e o filho, que eram dois, mas não se separaram e, por isso, também foram um²⁵⁸.

Embora tenha enaltecido a ligação de Saul e Jônatas, cantando as façanhas que ambos colecionaram, Davi possuía uma memória distinta da sua relação com cada um deles. O rei se empenhara para matá-lo ao passo que o príncipe se empenhara para protegê-lo²⁵⁹. Ao primeiro, ele devia o respeito merecido pela realeza; ao segundo, ele devolia o afeto nutrido pela amizade. Essa diferença se refletiu na construção da *qīnāh*, de modo que os dois nomes são lembrados como dignos de renome, contudo os traços líricos ganham maior relevo no retrato de Jônatas, cuja figura tem proeminência na parte final do poema. Após exaltar pai e filho na seção central, o sujeito lírico volta ao lamento e, antes de murchar sua voz, devota uma estrofe seguida de um refrão para o rei e outra para o amigo²⁶⁰. É por isso que, apesar de pertencerem à mesma

²⁵⁷ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 120.

²⁵⁸ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 10.

²⁵⁹ Cf. I Samuel 18-20 e 23.

²⁶⁰ HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 188.

unidade na divisão proposta por Fokkelman, os próximos versos serão apresentados separadamente.

Vós, filhas de Israel, chorai por Saul, que vos vestia de rica escarlata, que vos punha sobre os vestidos adornos de ouro.

*bənōwṭ yisrā'el 'el- šā'ul bəkenāh hammalbiškem šānî 'im-
'ăḏānīm hamma'āleh 'ăḏî zāhāb 'al- ləbūšəken*

Ao considerar as semelhanças da primeira (v. 20-21) e desta terceira seção (v. 24-26), o que enfatiza a singularidade da segunda (v. 22-23), pode-se apontar que as estrofes dos v. 21 e 24 são as únicas em que é citado exclusivamente o nome de Saul²⁶¹ e que há uma evidente conexão entre os v. 20 e 24²⁶². Ambos apresentam imperativos seguidos de justificativas e estão relacionados às notícias da morte dos valentes e à reação das mulheres a tal evento. Antes, a voz poética queria interromper o fluxo das informações a fim de impedir a comemoração das filhas dos filisteus. Agora, ela convoca as filhas de Israel para chorar por Saul²⁶³. Essa inversão no papel exercido pelo grupo de mulheres é espelhada na estrutura dos versos, pois a expressão “filhas dos filisteus” aparece depois do verbo e preenche o final de um verso que está na segunda metade da estrofe, já a expressão “filhas de Israel” aparece antes do verbo e preenche o início de um verso que abre a estrofe²⁶⁴.

²⁶¹ YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p.815.

²⁶² FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 11.

²⁶³ Assim como, na introdução ao lamento, figurava a instrução para ele fosse ensinado aos filhos de Judá, nesta estrofe as filhas de Israel são chamadas a participar dele.

²⁶⁴ SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 24. Mais um contraste: às ordens negativas do v. 20 se contrapõe a ordem positiva do v. 24.

O sujeito lírico que, na unidade anterior, havia citado as conquistas de Saul, conclama as mulheres que haviam festejado as vitórias²⁶⁵ para lamentar a derrota, afinal, a condução do luto coletivo também era uma função desempenhada por elas²⁶⁶. A razão para prantear está amarrada aos triunfos do passado, uma vez que as filhas de Israel tinham sido beneficiadas pelos despojos que o rei trouxera da guerra²⁶⁷, os quais poderiam ser a origem das roupas luxuosas²⁶⁸ que Saul pousara sobre elas²⁶⁹. Entretanto, a passagem alude a algo maior, pois os termos “escarlata” (*šānī*) e “ouro” (*zāhāb*) estão associados ao tabernáculo e às vestes sacerdotais²⁷⁰, daí a sugestão de que o monarca partilhou algo glorioso com as súditas, elevando o status dessas mulheres. Ao descrever as ações de Saul em favor desse grupo, o poeta maneja com perícia as palavras, moldando um quiasmo (vestimentas com ornamentos e ornamentos sobre as vestimentas) e o enriquecendo por meio de uma tapeçaria sonora: os dois termos para “ornamentos” (*āḏānīm* e *‘āḏī*) são aliterativos e a raiz de “vestir” surge nas formas verbal no início e nominal no desfecho (*hammalbiškem* e *ləbūšəken*)²⁷¹. Tal arranjo sugere a completude dos trajes recebidos pelas mulheres, aos quais nada faltava. De certo modo, a opulência formal da passagem corresponde à exuberância que o soberano concedeu às israelitas e prestigia sua generosidade e valor.

²⁶⁵ Cf. 1 Sm 18:7. Elas, que haviam entoado o canto triunfal que despertou a inveja do rei (“Saul matou seus milhares, porém Davi seus dez milhares”), são convocadas a entoar o canto fúnebre em homenagem a ele.

²⁶⁶ Cf. Jr 9:17-20; Ez 32:16. GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paeon, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p.62-63.

²⁶⁷ A expectativa das mulheres com relação ao espólio que os soldados lhes ofereceriam é citada no final do cântico de Débora (Jz 5:28-30). HERTZBERG, Hans W. *I & II Samuel: a commentary*. Trad. J. S. Bowden. The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1964, p 239.

²⁶⁸ A associação entre vestir e escarlate (*šānī*) aparece no louvor à mulher de valor (*ḥayil*), indicando quão precioso era esse tipo de vestuário. Cf. Pv. 31:21.

²⁶⁹ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 19.

²⁷⁰ Cf. Ex 26, 28, 36 e 39.

²⁷¹ SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), pp. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356096>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 18.

Como caíram os valentes no meio da peleja! Jônatas sobre os montes foi morto!

’êḵ nāp̄elū gibbōrīm beṭōwḵ hammilḥāmāh yəhōwnāṭān ‘al-bāmōwṭekā ḥālāl

Se Davi convocou as filhas de Israel para doar as vozes ao lamento, o retorno do refrão seria uma forma de comunicar a matéria do seu canto²⁷². Das alusões às heranças dos sucessos militares de épocas passadas, ele salta para a referência explícita ao fracasso do tempo presente, quando os *gibbōrīm* que tombam são das fileiras de Israel, oferecendo agora uma expressão mais concreta da tragédia. Em relação à abertura do poema, há uma inversão na ordem dos versos²⁷³, um acréscimo e uma modificação. O espanto perante a queda dos valentes surge primeiro, ampliado por uma circunstância (“no meio da guerra”), pois já se pode afirmar em quais condições eles caíram. No verso seguinte, ao invés do termo “gazela”, aparece o nome “Jônatas” como aquele que “sobre os teus altos foi morto”. A metáfora se torna dispensável e a realidade se imprime com mais força nos versos. A troca na sequência dos versos constrói um novo percurso para a audiência²⁷⁴, que avança dos guerreiros caídos na batalha até a visão do mais precioso entre eles.

Ao notar que o nome “Jônatas” ocupa a mesma posição de “gazela” no arranjo do verso, alguns autores concluem que ele era o personagem

²⁷² BALDWIN, Joyce G. *1 and 2 Samuel: an introduction and commentary*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1988, p. 181.

²⁷³ Como já foi observado, para os defensores da distinção entre uma parte pública e uma particular no poema, esse refrão cumpre o papel de estabelecer as fronteiras discursivas: “The point at which David makes a transition from the pre-orchestrated lament to the free speech of a person who grieves is in the middle of Verse 25”. Cf. EISENHOLTZ, Eve. The Nature of Kinat David: Public or Private?. *Jewish Biblical Quarterly*, Vol. 31, No. 2, (Abril-Junho, 2003), p. 1-5, p. 5; GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, pp. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 57. Outros intérpretes o classificam como um falso final (“fake ending”) cujo propósito seria oferecer um indício da preferência por Jônatas. Cf. ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 106.

²⁷⁴ No v. 19, o trajeto era do singular para o plural, do indivíduo para a coletividade.

representado na figura do animal²⁷⁵. Fokkelman afirma que nessa passagem é solucionado o enigma proposto no verso inicial e, para assegurar tal identificação, ainda enxerga mais uma prova na distribuição dos nomes de Saul e Jônatas ao longo do poema²⁷⁶. Outros estudiosos consideram isso provável, mas preferem manter a ambiguidade já que a imagem da gazela possui um potencial expressivo mais vasto²⁷⁷. Além do verso *'êḵ nāpēlū gibbōrīm*, esse refrão exibe elementos que o conectam tanto ao refrão que o antecede (*'al-bāmōwṭekā ḥālāl*) quanto àquele que o sucede (*hammilḥāmāh*)²⁷⁸, revelando o engenho verbal que estrutura a *qînāh*. Ao destacar “Jônatas”, que pela primeira vez não aparece à sombra do nome paterno, Davi compõe um prelúdio para a estrofe mais cortante do lamento²⁷⁹.

Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo para comigo! Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres.

*ṣar- lî 'ālekā 'āhî yəhōwnāṭān nā'amtā lî mē'ōḏ nīplē'aṭāh
'ahābāṭekā lî mē'ahābāṭ nāšīm*

²⁷⁵ FREEDMAN, David N. The Refrain in David's Lament over Saul and Jonathan. In: BLEEKER, C J., BRANDON, S. G., SIMON, M (eds.). *Ex Orbe Religionum: Studia Geo Widengren*. Studies in the History of Religions/ Supplements to Numen 21. Leiden: Brill, 1972, p. 115-26, p. 120.

²⁷⁶ I: *ṣəbî* e Saul; II: Jônatas e Saul, Saul e Jônatas; III Saul e Jônatas. Cf. FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 10-12.

²⁷⁷ ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 107.

²⁷⁸ FREEDMAN, David N. The Refrain in David's Lament over Saul and Jonathan. In: BLEEKER, C J., BRANDON, S. G., SIMON, M (eds.). *Ex Orbe Religionum: Studia Geo Widengren*. Studies in the History of Religions/ Supplements to Numen 21. Leiden: Brill, 1972, p. 115-26, p. 120.

²⁷⁹ A passagem do v. 26 inflamou debates sobre a natureza do relacionamento que existia entre Davi e Jônatas. Essa questão foge aos limites deste trabalho, portanto apenas algumas referências serão oferecidas. A hipótese de que houve elementos homoeróticos na história deles, aparece, dentre outros, em FEWELL, Dana N. e GUNN, David M. *Gender, Power and Promise: The Subject of Bible's First Story*. Nashville: Abingdon Press, 1993, p. 148-157. Uma refutação pode ser encontrada em ARNOLD, Bill T. *1 and 2 Samuel: the NIV application commentary from biblical text – to contemporary life*. Grand Rapids: Zondervan, 2003, p. 412-414. Um panorama da discussão é oferecido em HOKE, J. Men 'Loving' Men: the problem of David and Jonathan. Disponível em <http://www.garrett.edu/gmedia/pdf/alum_relations/Hoke.pdf>. Acesso em: 29/09/2014.

O sujeito lírico, após cantar os valentes e suas armas, só na passagem central se referiu diretamente às figuras que inspiram a elegia. Quando alcança os derradeiros versos, ele sobe o tom e se dirige a uma delas. Como já foi observado, esse é o único trecho em que a voz poética assume a primeira pessoa²⁸⁰. A distinção conferida a Jônatas se torna evidente ao se comparar a estrofe dedicada a ele com a oferecida a Saul. Naquela, as filhas de Israel foram convocadas a chorar pelo seu rei, lembrando as dádivas materiais que receberam dele; nesta, o próprio Davi chora pelo seu “irmão”, lembrando as dádivas imateriais que dele recebera²⁸¹. Outra marca dessa elevação de Jônatas reside no fato de que as raízes dos elogios aos dois heróis no v. 23 (*’hḇ* e *n’m*) são reprisadas, mas na ordem inversa, sendo que a primeira recebe um intensificador (*mə’ōḏ*) e a segunda aparece duas vezes. Além disso, elas ressurgem vestidas de maior carga expressiva porque, ao invés de indicar atributos gerais dos líderes, traduzem uma relação entre “eu” e “tu” (*nā’amtā lî* e *’ahăbātēkā lî*)²⁸². Aliás, a alternância das marcas de primeira e segunda pessoa (“para mim”, “por ti”, “tu eras”, “para mim”, “teu amor”, “para mim”) acentua isso. Semeando três vezes a partícula *lî* (“para mim”) na sucessão dos versos²⁸³, o poeta sinaliza o quanto ele está enraizado nessas palavras, daí o *pathos* que move a estrofe²⁸⁴.

²⁸⁰ Afinal, “David has also fallen. He has succumbed to his own human nature and grieved for Jonathan in a public setting”. Cf. EISENHOLTZ, Eve. *The Nature of Kinat David: Public or Private?*. *Jewish Biblical Quarterly*, Vol. 31, No. 2, (Abril-Junho, 2003), p. 1-5, p. 4.

²⁸¹ GERVITZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963, p. 95. Curiosamente, assim como Saul ofereceu vestes e adereços preciosos às israelitas, houve um episódio em que Jônatas ofereceu vestes e adereços preciosos a Davi (I Sm 18:3 e 4).

²⁸² FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 11.

²⁸³ “An interesting poetic feature here is the way in which the suffixed preposition *lî* has been distributed through this couplet. It occurs in first position in the first colon, in second position in the second colon, in third position in the third colon, and it does not appear at all in the fourth colon. This distribution appears to be more by design than by accident.” Cf. SHEA, William H. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), p. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 20 e 23.

²⁸⁴ “The avoidance stage has passed, and David is now ready for the naked truth”. Cf. FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 12.

Davi escolhe um verbo que exprime uma grande agonia (*šar- lî*)²⁸⁵ para descrever a sua condição após recordar a cena de Jônatas morto sobre os altos. Ao chamá-lo “meu irmão”, rompe com o epíteto que tinha sido afixado ao nome do personagem durante a narrativa – mais do que o filho de Saul, nesta passagem, ele é o irmão de Davi – o que reafirma o seu status privilegiado no lamento. Então, a voz poética engrandece não mais os feitos, mas os afetos dele, forjando um discurso marcado pela intensificação (*nā’amtā lî mē’ōd*: “eras muito agradável para mim”; *nīplē’atāh ’ahābātēkā lî*: “excepcional era o teu amor para mim”), num crescendo que deságua na comparação “mais do que o amor das mulheres”²⁸⁶. Assim como, no desfecho da estrofe central (v. 23), é dito que os dois valentes ultrapassavam a rapidez das águias e a força dos leões, no desfecho desta, é dito que o amor de Jônatas ultrapassava o das mulheres²⁸⁷. Ambos excediam os animais nas proezas físicas, mas o segundo também excedia formidáveis concorrentes na afeição.

Na tentativa de interpretar esse amor, alguns comentaristas alegam que, devido às alianças firmadas entre Davi e Jônatas, essas declarações possuem conotação política e reproduzem a terminologia dos tratados da época²⁸⁸, porém tal leitura não responde ao tom comovido da passagem. Uma explicação mais adequada brota da narrativa, que apresenta os esforços do príncipe, herdeiro do

²⁸⁵ A mesma expressão ocorre em vários salmos (Sl 31:9; 69:17; 102:2) e nos livros de Lamentações (Lm 1:20). Saul a utiliza quando fala da sua angústia antes da última batalha com os filisteus (1 Sm 28:15) e o próprio Davi volta a empregá-la ao comentar a sua situação diante das punições por ter levantado o censo (2 Sm 28:14). Como ela aparece nos capítulos inicial e final de 2 Samuel, Youngblood sugere que ela forma uma espécie de *inclusio* relacionada a lamentos emoldurando o livro. Cf. YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 815.

²⁸⁶ Ao longo da história o narrador afirmou mais de uma vez o amor de Jônatas por Davi (1 Sm 18:3; 19:1; 20:17, mas somente neste ponto transparece o amor de Davi por Jônatas. Cf. ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 200.

²⁸⁷ As três comparações são introduzidas pela preposição *min*.

²⁸⁸ Cf. 1 Sm 18:3-5; 20:12-17; 23:16-18. McCARTER, Peter K. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 77. Nessa linha, até a expressão “meu irmão” é lida num sentido político. Cf. ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 121.

trono, para sustentar aquele que viria a tomar o seu lugar²⁸⁹. A cena em que ele se despoja de capa, armadura e apetrechos bélicos a fim de entregá-los a Davi porque o amava²⁹⁰ é uma síntese da história deles. Não por acaso, os sábios de Israel, numa passagem da obra *Pirkei Avot*, elegem o amor entre Jônatas e Davi como um modelo de amor incontingente, desinteressado²⁹¹. No tecido do poema, há uma pista que ilumina o paralelo com o amor dos mulheres, pois estas são chamadas a lamentar por Saul devido aos presentes que lhes foram ofertados, isto é, são retratadas como um exemplo de amor movido por interesses, logo, o amor de Jônatas é superior ao delas. Vale apontar que essa estrofe pode ser vista como uma espécie de sumário das primeiras seções da elegia (v. 19-23), uma vez que é introduzida pelo refrão e faz o trajeto da angústia para o louvor, pousando numa comparação elogiosa – é a breve *qînāh* consagrada a Jônatas²⁹².

Como caíram os valentes, e pereceram as armas de guerra!

'ēk nāpēlū gibbōrīm wayyōbēdū kēlē- milhāmāh

Ao proclamar o refrão no desenlace do poema, Davi o transforma num poderoso eco da tragédia. Um efeito obtido graças à repetição, que amplia a ressonância da queda dos valentes. Além disso, por causa de tudo o que foi encenado no palco dos versos, agora ele exprime uma representação mais aguda do terrível significado da história inscrita nos montes de Gilboa.

²⁸⁹ BALDWIN, Joyce G. *1 and 2 Samuel: an introduction and commentary*. Leicester: InterVarsity Press, 1988, p. 181-182. Em certa ocasião, Saul inclusive o repreendeu duramente por isso (I Sm 20:30-33).

²⁹⁰ Cf. 1 Sm 18:3 e 4. O texto de Dt 13:6 menciona um amigo que é como a sua própria alma (*rē'ākā 'āšer kēnāpšēkā*). A expressão, oriunda de um contexto legal no qual são listados vários relacionamentos, recorda a caracterização do amor de Jônatas ("o amava como a sua própria alma") e demonstra a possibilidade de que a intensa afeição entre amigos fosse comum nos tempos bíblicos.

²⁹¹ BAKON, Shimon. Jonathan. *The Jewish Bible Quarterly*. Vol. 23, n. 03 (Jul. – Sep. 1995), p. 143-150, p. 143. Tal descrição, na verdade, parece válida somente para o amor de Jônatas.

²⁹² Por ser o tema dos versos finais, Jônatas recebe ligeira proeminência no poema. Cf. ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126, p. 115.

Estruturalmente, como já foi observado, o último refrão forma uma *inclusio* com o primeiro (v. 19) devido à ocorrência do mesmo verso em posições opostas. Eles são a moldura da composição. Entretanto, algumas características singularizam o v. 27, dando-lhe o caráter de encerramento, pois, ao contrário dos refrãos anteriores, ele não possui um vocativo ou marca de segunda pessoa, não exhibe quiasmo sintático na configuração dos versos e apresenta o verbo *'āḇaḏ* no lugar de *ḥālāl*.

Se a apóstrofe foi uma figura de linguagem frequente na extensão do lamento, por meio da qual a voz poética se dirigiu a Israel, aos montes de Gilboa, às filhas de Israel e finalmente a Jônatas²⁹³, ela chegou ao ponto em que não há mais a quem falar²⁹⁴. O desenho sintático idêntico (verbo + sujeito) nos dois versos alude, pelo abandono das mudanças formais, à imutabilidade do destino dos valentes. É como se o poeta sugerisse que inverter a ordem das palavras não pode reverter a ordem da trajetória deles. Nesse arranjo, ambos os versos, ligados pela conjunção aditiva, são envolvidos pelo *'ēk* (“como”) que soa no início da estrofe, alongando a dimensão de assombro projetada em cada refrão. Enquanto *ḥālāl* (“*slain*, foi morto”) transmitia a ideia do processo violento que fez tombar os guerreiros, o emprego da forma verbal *'āḇaḏ* (“perecer”) focaliza o resultado do combate – o fim dos valentes que é refletido no fim do lamento²⁹⁵.

Ademais, o verbo também é válido para a destruição de objetos e por isso forma um predicado adequado à expressão *kəlê- milḥāmāh* (“as armas de guerra”). Na conclusão, o poeta recolhe o escudo, a espada e o arco citados durante o lamento e os abriga nessa fórmula, usando novamente as armas como

²⁹³ ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 199.

²⁹⁴ “At the end, however, the poet is left alone. The defeat is final, and life is closed”. Cf. BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel*. Louisville: John Knox Press, 1990, p. 217.

²⁹⁵ Isso é salientado quando se recorda que *'āḇaddōwn*, a forma nominal da raiz, significa “lugar de destruição, ruína”. O termo aparece em paralelos com “morte” (Jó 28:22), “cova, sepultura” (Sl 88:11) e *šə'ōwl*, o lugar dos mortos (Jó 26:6; Pv 15:11; 27:20). Cf. JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 85; NUNES JR., Edson M. Uma introdução geral à poesia hebraica bíblica. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 61.

metonímias daqueles que as manejavam²⁹⁶. Noutra leitura, o verso exhibe uma metáfora, de modo que Saul e Jônatas seriam as armas de guerra de Israel²⁹⁷ que foram destruídas. De qualquer maneira, após a estrofe mais pessoal e lírica, Davi volta ao registro épico e assume uma postura mais distante no último verso²⁹⁸, insinuando a sua despedida dos valentes caídos. Tal qual eles pereceram, agora perece a voz do poeta. O resto é silêncio.

²⁹⁶ FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 12.

²⁹⁷ DRIVER, Samuel R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel*. Oxford: Clarendon Press, 1913, p. 239.

²⁹⁸ Para Eisenholtz, seria uma tentativa de retomar o discurso público oficial. Cf. EISENHOLTZ, Eve. The Nature of Kinat David: Public or Private?. *Jewish Biblical Quarterly*, Vol. 31, No. 2, (Abril-Junho, 2003), p. 1-5, p. 4.

Considerações Finais

“Apressem-se e levantem sobre nós o seu lamento,
para que nossos olhos se desfaçam em lágrimas,
e as nossas pálpebras destilem água.”

Jr 9:18

O lamento que vibra na voz de Davi não modifica somente a maneira como a audiência percebe a história, mas também a visão que ela possui sobre aquele que lamenta²⁹⁹. O canto transfigura ao mesmo tempo o conto e o cantor. Como já foi dito, ao compor a *qînāh*, Davi é igualmente composto por ela. Tendo contemplado as imagens de Saul e Jônatas estampadas na elegia, resta indagar qual é a imagem do futuro rei de Israel que ela projeta.

O retrato do filho de Jessé que emerge da *qînāh* é ambíguo, pois mistura traços do líder ungido e do político astuto, afinal, os versos saúdam os valentes, mas assinalam a sua ausência, criando um epílogo para o reinado de Saul e um prólogo para o reinado de Davi. Essa dualidade se revela nos diferentes juízos que o poema gerou para o seu autor:

The judgment of T. H. ROBINSON is certainly justified: "We know nothing of David which presents him in a better light".³⁰⁰

This grandly resonant lament, cast in archaic epic diction, marks a great moment of transition in the larger narrative, as the David-Saul story becomes the David story. It is also another public utterance of David's that beautifully serves his political purposes,

²⁹⁹ GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paeon, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 60-61.

³⁰⁰ HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 189.

celebrating his dead rival as it mourns his loss and thus testifying that David could never have desired Saul's death.³⁰¹

Se é admirável constatar que Davi não permitiu que nódoa alguma de ressentimento ou amargura para com Saul deixasse vestígios na sua voz e se curvou reverentemente até os valentes caídos antes de se erguer até a coroa, não se pode deixar de atentar para a sutil referência ao fato de que o benjamita não era mais o ungido do Senhor e, qual o seu escudo, nunca mais poderia defender Israel. Além de certificar a inocência na morte do antigo rei, o lamento acena com a necessidade de um novo rei, visto que as armas de guerra pereceram então novas deveriam ser forjadas. Ao assumir o papel de regente do luto coletivo, Davi conquista proeminência num momento decisivo da história do povo israelita, o que certamente contribui para desenhar um roteiro rumo ao trono³⁰².

Todavia existe outra maneira pela qual o lamento desenha a ambivalência do seu criador. O outro poema davídico registrado em 2 Samuel é um salmo de louvor, no qual ele celebra as conquistas que Deus lhe dera. Esses versos pintados de júbilo oferecem uma representação de Davi como o triunfante rei de Israel, o herói “segundo o coração de Deus”³⁰³. Já o lamento concede o vislumbre de um Davi mais humano, feito de pó e lágrimas. A passagem, como a história do futuro rei, combina elementos épicos e líricos. Quando existe o predomínio dos últimos, particularmente nos versos destinados a Jônatas, ele está despido perante a audiência:

David dares to give full expression to his grief for Saul and Jonathan [...] and, without the cool restraint of the *gibbor* he himself was, weeps for the fallen *gibborim*. But more, he

³⁰¹ ALTER, Robert. *The David story: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel*. New York: W. W. Norton & Company, 1999, p. 198.

³⁰² Uma leitura que desenvolve essa interpretação pode ser vista em ROZENCHAN, Nancy. Releitura do lamento de David e sua tradução [II Samuel 1, 17-27]. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n. 11, 2013, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/83522/86470>>. Acesso em: 07/01/2015.

³⁰³ Cf. 2 Sm 22; 1 Sm 13:14.

opens his heart to expose to the reader a stunning, sudden glimpse into the most intimate feelings of his soul. It is fascinating, and oddly embarrassing at the same time, to hear him cast all reserve or restraint aside and wail for the loss of Jonathan.³⁰⁴

O desvelamento do que mora no íntimo de Davi enlaça a elegia a outros momentos privilegiados da sua história nos quais se rasga a figura pública e ele é desnudado. O fascínio despertado pelo personagem recebe impulso dessa pluralidade de ângulos que a narrativa de 1 e 2 Samuel oferece para se observar o seu maior protagonista, o que o salva de uma caracterização unívoca e imune às ambiguidades que germinam no solo humano. Logo, a *qînāh*, ao refletir essa imagem composta do seu criador, é valiosa justamente por florescer no cruzamento dos afluentes pessoal e político que alimentam a trajetória dele³⁰⁵.

Antes de concluir, vale ressaltar o papel do lamento de Davi na cristalização verbal de um evento trágico na história de Israel. Os seus versos guardam a memória do episódio, permitindo que este ganhe uma ressonância coletiva e seja transmitido a outras gerações. Como diz Octavio Paz, cada “poema traça uma linha divisória que separa o instante privilegiado da corrente temporal”, o qual “é ungido com uma luz especial: foi consagrado pela poesia”³⁰⁶. Gravadas nas palavras do poeta, a grandeza e a queda de Saul e Jônatas estão a salvo de afundarem na incessante correnteza do tempo. Em Dt 31:19, Deus

³⁰⁴ GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 62-64.

³⁰⁵ “In this poetry, placed in the mouth of David, we have a deeply moving, pathos-filled personal statement that is at the same time a magisterial statement of public reality”. Cf. BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel*. Louisville: John Knox Press, 1990, p. 213. Seguindo o seu propósito de oferecer um retrato somente da figura pública dos personagens, o cronista silencia sobre os eventos ligados à sua história privada. No caso de Davi, essa estratégia empalidece a narrativa. Cf. GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paean, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013, p. 64.

³⁰⁶ PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 53.

ordena a Moisés que escreva um cântico e o ensine aos filhos de Israel, pois este seria uma testemunha contra eles, o que implica num gesto solene e duradouro³⁰⁷. A passagem contém semelhanças com 2 Sm 1:18, quando o narrador informa que a *qînāh* deveria ser ensinada aos filhos de Judá e está escrita no Livro dos Justos. Isso sugere que poemas importantes em Israel eram compartilhados pelo povo e pertenciam ao legado entregue às gerações vindouras³⁰⁸. Os valentes caíram nos montes de Gilboa, mas, abrigados na *qînāh*, não caíram no esquecimento.

³⁰⁷ A expressão *lā'êd* ("para ser testemunho"), com uma alteração nas vogais, passa a significar "para sempre".

³⁰⁸ YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 816.

Referências Bibliográficas

ACKROYD, Peter R. *The second book of Samuel*. The Cambridge Bible Commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

ALTER, Robert. *The Art of Biblical Poetry*. New York: Basic Books Publishers, 1985.

_____. *The David story*: a translation with commentary of 1 and 2 Samuel. New York: W. W. Norton & Company, 1999.

_____. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989.

AMZALLAG, Nissim e AVRIEL, Michal. Complex Antiphony in David's Lament and Its Literary Significance. *Vetus Testamentum* 60 (2010), p. 1-14.

ARNOLD, Bill T. The Amalekite's Report of Saul's Death: Political Intrigue or Incompatible Sources?. *JETS*. 32/3 (Sep., 1983), p. 289-298.

_____. *1 and 2 Samuel*: the NIV application commentary from biblical text – to contemporary life. Grand Rapids: Zondervan, 2003

Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BAKON, Shimon. Jonathan. *The Jewish Bible Quarterly*. Vol. 23, n. 03 (Jul. – Sep. 1995), p. 143-150.

BALDWIN, Joyce G. *1 and 2 Samuel*: an introduction and commentary. Leicester: Inter-Varsity Press, 1988.

BARTON, John. *Reading the Old Testament: method in biblical study*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996.

BERGER, Yitzhak. On Patterning in the Book of Samuel: 'News of Death' and the Kingship of David. *Journal for the Study of the Old Testament*, Vol. 35.4 (2011), p. 463-481. Disponível em: <<http://jot.sagepub.com/content/35/4/463>>. Acesso em: 06/05/2013.

BERLIN, Adele. *Poetics and interpretation of biblical narrative*. Sheffield: The Almond Press, 1983.

BROWN, Francis, DRIVER, Samuel R. e BRIGGS, Charles A. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996.

BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel*. Louisville: John Knox Press, 1990.

DAUBE, David. Death as a Release in the Bible. *Novum Testamentum*, Vol. 5, Fasc. 2/3 (Jul., 1962), p. 82-104. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1560019>>. Acesso em: 12/03/2013.

DRIVER, Samuel R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel*. Oxford: Clarendon Press, 1913.

EISENHOLTZ, Eve. The Nature of Kinat David: Public or Private?. *Jewish Biblical Quarterly*, Vol. 31, No. 2, (Abril-Junho, 2003), p. 1-5.

FEWELL, Dana N. e GUNN, David M. *Gender, Power and Promise: The Subject of Bible's First Story*. Nashville: Abigdon Press, 1993

FLEISCHER, G. קִינָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (eds.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII.

FOKKELMAN, Jan P. *Reading Biblical Poetry: an introductory guide*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

FREEDMAN, David N. The Refrain in David's Lament over Saul and Jonathan. In: BLEEKER, C J., BRANDON, S. G., SIMON, M (eds.). *Ex Orbe Religionum: Studia Geo Widengren*. Studies in the History of Religions/Supplements to Numen 21. Leiden: Brill, 1972, p. 115-26.

_____. (org.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.

GALPAZ-FELLER, Pnina. David and the Messenger — Different Ends, Similar Means in 2 Samuel 1. *Vetus Testamentum*, Vol. 59 (2009), p. 199-210.

GARCÍA-TRETO, Francisco O. A Mother's Paeon, A Warrior's Dirge: Reflections on the Use of Poetic Inclusions in the Books of Samuel. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, Volume 11, Number 2, Winter 1993, p. 51-64. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/sho/summary/v011/11.2.garcia-treto.html>>. Acesso em: 22/01/2013.

GERVITZ. Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1963.

GORDON, Robert P. David's rise and Saul's demise: narrative analogy in 1 Samuel 24-26. *Tyndale Bulletins*, Vol. 31 (1980), p. 37- 64.

_____. *I & II Samuel: a commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

GOTHEIL, R. e SCHLOESSINGER, M. Kinah. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah>>. Acesso em: 28/11/2011.

GREEN, Barbara. *How Are The Mighty Fallen?: a dialogical study of King Saul in 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 365. London: Sheffield Academic Press, 2003.

GUNN, David M. Narrative Patterns and Oral Tradition in Judges and Samuel. *Vetus Testamentum*, Vol. 24, Fasc. 3 (Jul., 1974), p. 286-317. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517454>>. Acesso em: 06/05/2013.

HABERMANN, Abraham M. Kinah. In: SKOLNIK, Fred (ed.). *Encyclopaedia Judaica*. Farmington Hills (MI): Thomson Gale, 2007, v. XII.

HERTZBERG, Hans W. *I & II Samuel: a commentary*. Trad. J. S. Bowden. The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.

HOKE, J. Men 'Loving' Men: the problem of David and Jonathan. Disponível em <http://www.garrett.edu/gmedia/pdf/alum_relations/Hoke.pdf>. Acesso em: 29/09/2014.

HOLLADAY, William L. Form and Word-Play in David's Lament over Saul and Jonathan. *Vetus Testamentum*, Vol. 20, Fasc. 2 (Apr., 1970), p. 153-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1516530>>. Acesso em: 22/01/2013.

_____. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

JOHNSTON, Philip S. *Shades of Sheol: death and afterlife in the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002.

KENNEDY, James. David's Lament over Saul and Jonathan: II Sam. 1: 19-27. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. 32, No. 2 (Jan., 1916), p. 118-125. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/528342>>. Acesso em: 12/03/2013.

KUGEL, James L. *The idea of biblical poetry: parallelism and its story*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981.

MAYS, James L. *Amos: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1969.

McCARTER, Peter K. *I Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v.8. New York: Doubleday, 1980.

_____. The Apology of David. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 99, No. 4 (Dec., 1980), p. 489-504. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3265189>>. Acesso em: 06/05/2013.

_____. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984.

MILLARD, A. R. Saul's Shield Not Anointed with Oil. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, No. 230 (Apr., 1978), p. 70. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356616>>. Acesso em: 12/06/2013.

MISCALL, Peter D. *The workings of Old Testament narrative*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

NUNES JR., Edson M. Uma introdução geral à poesia hebraica bíblica. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

POLZIN, Robert. *Samuel and the Deuteronomist: a literary study of the Deuteronomic history: part two: 1 Samuel*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

RACHMANN, Miriam Kleigesinds. A Multiplicidade de Vozes no Salmo 137. 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROFÉ, Alexander. *Introduction to the Literature of the Hebrew Bible*. Jerusalem: Simor Ltd., 2009

ROSENBERG, Joel. I e II Samuel. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank (org.). *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997.

ROZENCHAN, Nancy. Releitura do lamento de David e sua tradução [II Samuel 1, 17-27]. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n.

11, 2013, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cilh/article/view/83522/86470>>. Acesso em: 07/01/2015.

SEGAL, M. H. Studies in the Books of Samuel: I. David's Three Poems. *The Jewish Quarterly Review*, New Series, Vol. 5, No. 2 (Oct., 1914), p. 201-231. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1451437>>. Acesso em: 22/01/2013.

SHEA, William H. David's Lament. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, No. 221, Memorial Issue: Essays in Honor of George Ernest Wright (Feb., 1976), p. 141-144. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356096>>. Acesso em: 22/01/2013.

_____. Chiasmus and the Structure of David's Lament. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 105, No. 1 (Mar., 1986), p. 13-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3261107>>. Acesso em: 22/01/2013.

SMITH, H. P. *The Books of Samuel*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd., 1992.

STERNBERG, Meir. *The poetics of biblical narrative: ideological literature and the drama of reading*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

WEISS, Meir. *The Bible from Within: the method of total interpretation*. Jerusalem: The Magnes Press, 1984.

WEITZMAN, Steven. David's Lament and the Poetics of Grief in 2 Samuel. *The Jewish Quarterly Review*, New Series, Vol. 85, No. 3/4 (Jan. - Apr., 1995), p. 341-360. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1454722>>. Acesso em: 22/01/2013.

YOUNGBLOOD, Ronald F. 1, 2 Samuel. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary, Volume 3: Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel*. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

ZALEWSKI, Saul. The Purpose of the Story of the Death of Saul in 1 Chronicles X. *Vetus Testamentum*, Vol. 39, Fasc. 4 (Oct., 1989), p. 449-467. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1519163>>. Acesso em: 12/03/2013.

ZAPF, David L. How are the Mighty Fallen! A Study of 2 Samuel 1:17-27. *Grace Theological Journal* 5.1 (1984), p. 95-126.

ANEXO 1

O Texto em Hebraico

17 וַיִּקְנוּ דָּוִד אֶת־הַקִּינָה הַזֹּאת עַל־שָׂאוֹל וְעַל־יְהוֹנָתָן בְּנוֹ: **18** וַיֹּאמֶר לְלִמְד בְּנֵי־
יְהוּדָה קִשָּׁת הַיָּהּ כְּתוּבָה עַל־סֵפֶר הַיִּשָּׁר:

19 הַצָּבִי יִשְׂרָאֵל עַל־בְּמוֹתָיָהּ חָלָל אֵיף נָפְלוּ גִבּוֹרִים:

20 אַל־תִּגִּידוּ בְּגֵת אֶל־תַּבְּשָׁרוֹ בְּחוּצַת אֲשָׁקְלוֹן פֶּן־תִּשְׁמַחְנָה בָּנוֹת פְּלִשְׁתִּים פֶּן־
תַּעֲלֹזְנָה בָּנוֹת הָעֶרְלִים:

21 הָרִי בְּגִלְבָּעַ אֶל־טַל וְאֶל־מָטָר עָלֵיכֶם וּשְׂדֵי תְרוּמַת כִּי שֵׁם נִגְעַל מִגֶּן גִּבּוֹרִים מִגֶּן
שָׂאוֹל בְּלִי מָשִׁיחַ בַּשָּׁמֶן:

22 מִדָּם חָלָלִים מִחֶלֶב גִּבּוֹרִים קִשָּׁת יְהוֹנָתָן לֹא נִשְׁוֹג אַחֹר וְחֶרֶב שָׂאוֹל לֹא תִשׁוּב
רִיקָם:

23 שָׂאוֹל וַיְהוֹנָתָן הַנָּאֻהָבִים וְהַנְּעִיסִם בְּחַיֵּיהֶם וּבְמוֹתָם לֹא נִפְרְדּוּ מִנְּשָׁרִים קָלוּ
מֵאֲרִיּוֹת גָּבְרוּ:

24 בָּנוֹת יִשְׂרָאֵל אֶל־שָׂאוֹל בְּכִינָה הַמִּלְבָּשָׁכֶם שְׁנֵי עַם־עַדְנִים הַמַּעֲלָה עֲדֵי זָהָב עַל
לְבוּשָׁכֶן:

25 אֵיף נָפְלוּ גִבּוֹרִים בְּתוֹךְ הַמִּלְחָמָה יְהוֹנָתָן עַל־בְּמוֹתָיָהּ חָלָל:

26 צַר־לִי עָלָיָהּ אֲחִי יְהוֹנָתָן נִעְמָתָ לִי מָאֵד נִפְלְאָתָה אֶהְבֶּתָהּ לִי מֵאֶהְבֵּת נָשִׁים:

27 אֵיף נָפְלוּ גִבּוֹרִים וַיֵּאבְדּוּ כָּלִי מִלְחָמָה: ה